

QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO .

VÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO POVÃO . O MAIS QUERIDO DO



CAPRICHOSO

★ ★ CULTURA - O TRIUNFO DO POVO ★ ★



CULTURA - O T R





I UNFO DO POVO

EXPEDIENTE

ORGANIZAÇÃO

Ericky da Silva Nakanome / Adan Renê da Silva / Neandro Marques /
Carlos Alexandre / João Marco

CONCEPÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Conselho de Arte do Boi Caprichoso

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

João Marco

DESENHOS

Antônio Fuziel Jr./ Denner Silva/ Kedson Oliveira/ Igor Viana/
Gilson Siqueira

PESQUISA

Ericky Nakanome/ Adan Renê / Márcio Braz/ Edvander Batista/
Paulo Victor Costa/ Ronaldo Barbosa/ Geovane Bastos/ Larice Butel

TEXTOS

Ericky Nakanome/ Adan Renê / Peta Cid / Larice Butel / Márcio Braz/
Edvander Batista/ Carlos Carvalho/ Maria Pacheco/ Rogério de Jesus/
Gilvana Borari/ Marilene Corrêa

GLOSSÁRIO

Ericky Nakanome/ Adan Renê/ Edvander Batista/ Márcio Braz/ Paulo
Victor Costa/ Neandro Marques

FOTOGRAFIAS

Diego Peres/ Michel Amazonas/ Pedro Coelho/ Wigder Frota/ Alexandre
Vieira/ Jordy Neves/ Diego Araújo/ Arleison Cruz/ Bruno Zanardo/
Tadeu Rocha/ Araquém de Alcântara / Roger Matos / Domingos Raposo

REVISÃO

Ericky Nakanome / Adan Renê

FINALIZAÇÃO

João Marco

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Carlos Alexandre MTB 720/AM / Neandro Marques MTB 0001732/AM /
Peta Cid DRT 070/AM / Bruna Karla MTB 0001582/AM

SUMÁRIO

★
07

Palavra do Presidente

★
09

Somos o Boi Negro de Parintins

★
10

Memórias do Urubuzal

★
15

Eternos mestres de Parintins

★
16

Movimento Marujada
35 anos

★
18

Tradição e Modernidade

★
20

O mais querido do povão

★
23

A luta dos povos indígenas

★
26

Os bumbás e a vida cultural de Parintins

★
28

Nossos Itens

★
54

Cultura – O Triunfo do Povo

★
56

Noite A

★
70

Noite B

★
80

Noite C

★
92

Glossário

★
96

Gente que faz o Caprichoso

★
108

Referências

★
110

Ficha Técnica

A CERVEJA OFICIAL DO

FESTIVAL

DE

★ PARINTINS ★



Beba com moderação.



Lei de
Incentivo
& Cultura
Lei nº 13.019/2014

BRAHMA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

AS MÃOS QUE PINTAM SÃO AS MESMAS QUE HOJE ADMINISTRAM

por **Rossy Amoedo**

Presidente do Boi Caprichoso

Desde menino, o sonho de fazer parte desta grandiosa história sempre esteve comigo.

Sou Rossy Amoedo, filho de dona Iolanda e seu Rossy, aquele curumim do Palmares que um dia sonhou e, hoje, tem honra de presidir o Boi Negro da Amazônia. Tenho o orgulho de ser o primeiro artista a sair do galpão e me tornar presidente do Boi Caprichoso.

Os galpões do Boi Caprichoso foram meus bancos de faculdade, onde comecei aos 13 anos. Em mais de 20 anos ajudando a construir o Festival de Parintins, em meio às dificuldades da vida, foi a arte que me ensinou a pensar, a organizar, a estudar e a vencer.

Empunhei a bandeira da arte parintinense, e, ao lado de tantos outros talentosos artesãos rumamos para o sudeste do Brasil onde desbravamos vários lugares, festivais, carnavais, e com muita resistência, superando a xenofobia e o preconceito de ser um nortista na grande metrópole, resistimos e fizemos revolução. Ao retornar ao Boi Caprichoso, vi artistas construindo suas obras em meio às intempéries, e ali percebi que, como presidente, poderia ser o diferencial para os trabalhadores.

Hoje, administrando o maior coletivo artístico da Amazônia, olho para o galpão e meus olhos marejam,

pois minha missão é diferente e a primeira obra que fiz foi proteger os meus, construindo uma cobertura no galpão, dando dignidade para aqueles que, até meses atrás, trabalhavam sob sol e chuva. Sei que o Boi não é apenas disputa, pois para chegar à arena do Bumbódromo, temos que cuidar das pessoas que constroem esse espetáculo.

Com o companheiro Diego Mascarenhas, vice-presidente do Boi Caprichoso, queremos chegar hoje na arena do Bumbódromo para uma apresentação inspirada em sonhos e esperanças. Um espetáculo que a cor e o cheiro do povo parintinense, construído no suor e na lágrima.

Em três sublimes noites, o Boi Caprichoso realizará uma apresentação inesquecível. Criada por artistas caboclos, artesãos, moradores dos bairros periféricos de Parintins, que fazem o maior espetáculo da floresta. Que sejam momentos de celebração e amor ao Boi Caprichoso, símbolo de nossa resistência e cultura. Que cada batida do tambor ecoe nosso orgulho e nossa paixão. Vamos juntos, irmanados pela arte, fazer vibrar a magia da Amazônia.





SOMOS O BOI NEGRO DE PARINTINS!

por **Larice Butel**

Historiadora e Conselheira de Arte do Boi Bumbá Caprichoso

Era 1913 quando a Parintins antiga viu nascer nos terreiros úmidos do “Reduto do Esconde”, pelas bandas do Urubuzal, o Boi Caprichoso.

Nascido das mãos calejadas de Seu Roque Cid e seus irmãos, Antônio Cid, Beatriz Cid e Pedro Cid, naturais de Crato, no Ceará. O mais velho, Pedro Cid, resolve ficar em Belém, precisava de trabalho urgentemente. Os outros, Roque Cid e Antônio Cid, seguem para Manaus. Aportando em Parintins, saltam e resolvem ficar. O ano era 1913, os Cid ainda não haviam concretizado todos os seus sonhos de prosperar na nova terra e resolvem que vão retornar às suas origens. Fala-lhes sobre um boi de nome Caprichoso que assistira em Manaus, na Praça 14 de Janeiro, contou-lhes como foi sua evolução: toadas, desafios e animação. Os irmãos Cid enchem-se de coragem e no dia 20 de outubro de 1913, juntamente com outros amigos e a promessa a São João foi cumprida: nasce o boi Caprichoso no local conhecido como Esconde, hoje a Travessa Sá Peixoto.

Assim, desde então, de couro negro e luzidio, o boi Caprichoso saiu às ruas pela primeira vez, demarcando seu território azulado, brincado pelas ruas de Parintins, sob as luzes de lamparinas. O boi brincava, dançando estimulado pela cantoria do Amo e a euforia dos brincantes em número reduzido e lá se iam ao som da marujada, entoando seus desafios, incentivados pelos torcedores.

De vez em quando, uma parada para o ritual do tira a língua. O boi morria, atirado por pai Francisco para satisfazer o desejo de Mãe Catirina. Sua língua era retirada e vendida ao dono da casa. Assim, angariavam fundos para os festejos da morte do boi quando encerravam os folguedos juninos.

Nascido das mãos de gente simples, logo ganha a simpatia de muitos, tornando-se assim, o presente do povo: pescadores, lavadeiras, pedreiros, compadres e comadres. Eram os nossos primeiros brincantes.

De lá para cá, o Boi Caprichoso ganhou os quintais e as ruas, sempre brincando e alegrando a nossa gente pobre, negra, indígena e ribeirinha, refletida na estrela azul e branca da testa do Boi Negro da Ilha, lindo e

popular. Sob lamparinas de Seu Lioca e cumprimento da promessa junina, fortalecia-se, aos poucos, uma festança popular que, ao longo das gerações, permitiu que os parintinenses sonhassem outros futuros, tecidos por meio dos saberes e da sensibilidade de nossa gente cabocla, energizada na utopia e na busca de uma imaginada revolução oriunda desde nossa ancestralidade. Nossos artistas populares, com suas esculturas superlativas, ganharam o Brasil e o mundo, tornando a nós, do Boi Caprichoso, os mais aguerridos lutadores da cultura parintinense.

Metamorfoseamos o ritmo tradicional e o ambiente do folguedo em espetáculo capaz de mobilizar multidões e de colocar em cena a louvação à Mãe Natureza, ao passo em que se denunciavam as violações dos direitos dos povos da floresta. Valorizamos nossa história de tantas memórias e camadas, diversas em etnias, gêneros, religiões e orientações sexuais. Nossas ruas são galerias vivas de uma arte popular a nutrir e expandir a cultura nacional. Semeamos arte em reinvenções permanentes, refazendo identidades, emoldurando ancestralidades com as demandas atuais que brotam de nossa gente. O Caprichoso é o bumbá que permanece se nutrindo em mais de cem anos, nos batuques libertários dos quilombos, em meio a marchas e acampamentos de povos originários, no suor de artesãos locais e nas expressividades dos que ousaram criar aqui, no meio da Amazônia, as estruturas gigantescas que nomeamos em nossos saberes-fazeres de ousadia.

Seguiremos sustentando, em mais de 50 edições do Festival Folclórico, com nossos artistas do Boi-Bumbá Caprichoso, que a função máxima de nossa festa é bradar a todos os cantos a luta dos homens e das mulheres da floresta, transformando nossos anseios e sonhos em luta: luta em poesia na chama viva da cultura popular do Boi Negro de Parintins!



MEMÓRIAS DO URUBUZAL

por **Peta Cid**

Jornalista e Conselheira de Arte do Boi Caprichoso

Um lugar de terreiros e quintais, de delicadeza, solidariedade, partilha, de gente simples, feliz, da vizinhança que abraçava a cor azul, um lugar da herança que se reconhece nas histórias e memórias do decantado Urubuzal, no reduto onde nasceu o Boi Caprichoso.

Santuário de seringueiras, o lugar ocupava um quarteirão ladeado pelas ruas Furtado Belém, Beco Castelo Branco, Sá Peixoto, seguindo para o Esconde e até a Rio Branco. Suas árvores gigantes chegavam a 30m de altura e eram abrigo para centenas de uburus.

A cada nascer do sol eles revoavam assustados pelo som barulhento das latas usadas para recolher as seringas. Assim começavam as manhãs no Urubuzal.

A vida azulou os sentimentos dos que tiveram o privilégio de compartilhar a alegria, a leveza e a paixão daqueles tempos.

Nas noites quentes, as ruas ainda piçarradas,

poeirentas, com uma luz fraquinha nos poucos postes de iluminação, ficavam alegres e festivas com as fogueiras e quermesses do mês de junho. Era tempo de preparar o Boi.

O QG da costureira Ednelza Cid, na Sá Peixoto, reunia não só mãos talentosas dos voluntários e artesãos, mas também o capricho, o esmero, a dedicação e o riso solto de todos que eternizavam os encontros memoráveis na casinha de madeira, coberta de palha. A paixão pelo boi brinquedo estava em cada semente ou lantejola que davam vida à fantasias.

Na cozinha de chão batido, as panelas fumegavam nas chamas do fogão de lenha preparando o feijão.



O cheiro de peixe frito exalava um aroma saboroso pelo ar. E se fizesse calor, tinha água no jirau e um velho tanque no quintal.

Subindo a rua, o terreiro de Joaquim Nossa e dona Menininha era tão grande que as cercas de estaca chegavam até o Urubuzal. Anos mais tarde, ao comando da neta deles, Maria do Carmo Gadelha, lá também funcionou um QG de Jair Mendes, onde um tamarineiro guardou em sua sombra a marca azulada do mestre.

Na casa da dona Zezé, as lembranças viajam no tempo e nas memórias de Dora Pereira e Bena Mafra, cunhantãs que percorriam becos, caminhos e cedinho levavam suas cuias para juntar seringas no Urubuzal. Com as sementes, elas ornavam vestimentas, colares e chocalhos dos brincantes do boi. Da seiva, os homens preparavam bolas de borracha que faziam a diversão da curuminzada. No canto do Urubuzal morava o Bito Cachimbo, pai de Iaiá. Mais adiante, o seo Lageiro, um negro alto de passos largos. O Dicó vinha do terreiro de dona Guajarina e com seus anéis alumiava a vida por aquelas bandas.

Seo Benedito Adeotado, lúcido aos quase 100 anos, contava jcom detalhes a brincadeira de boi no terreiro dos Cid, no Esconde. O relato ficava completo pelas mãos de Nelcina Cid, filha de Quixita, a neta de Roque, que costurava as barras do boi de pano e guardava a agulha como sua

maior herança.

Dizem os poetas “que a rua, o lugar onde nascemos é a primeira cidade da gente, o nosso primeiro mundo, de onde partimos para conquistar outros lugares e outros mundos”.

Assim é o sentimento de quem teve o privilégio de viver nos tempos do Urubuzal.

Assim é o Caprichoso, o boi que partiu de terreiros para conquistar o mundo.

E toda esta gente que brincou de boi e foi feliz, guardou as lembranças que mantém intocada a história, a altivez e a dignidade como marcas de quem triunfou pela cultura.

Ministério da Cultura e Tectoy apresentam:
TecToy: da maquininha ao videogame,

FORÇA E TRADIÇÃO QUE SE CONECTAM

PATROCINADORA OFICIAL

57º FESTIVAL DE
PARINTINS
2024



/TECTOYOFICIAL
TECTOY.COM.BR



Lei de
Incentivo
à Cultura

TECTOY

REALIZAÇÃO:
MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNião e RECONSTRUÇÃO

Ministério da Cultura e Eneva Apresentam:

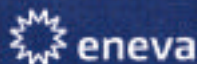
A ENERGIA DO GÁS NATURAL DA ENEVA FAZ DIFERENÇA NESSA FESTA

Com o Boi Caprichoso, a Eneva está lado a lado do amazonense, como patrocinadora oficial do Festival de Parintins.

Temos um compromisso com o desenvolvimento do estado, valorizando a nossa cultura e as nossas tradições.

Pra saber mais:
fazadiferenca.com

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



OS ETERNOS MESTRES DE PARINTINS

por **Larice Butel**

Historiadora e Conselheira de Arte do Boi Bumbá Caprichoso

Com respeito ao conceito instituído para o termo “mestres e mestras de cultura”, peço licença para usá-lo como se faz junto ao Boi Caprichoso. Os nossos mestres de cultura são sinônimos de amor e generosidade.

Ergueram e sustentaram a história que atravessa pouco mais que um século, criando, recriando e zelando centenária por aquele que viria a ser o mais valioso tesouro da nação azul e branca e da parte baixa da ilha.

A história do Caprichoso se escreve através de muitas mãos, de pessoas simples que partiram de um sonho, de uma vontade. Inicia com o nosso mestre Roque Cid e seus irmãos que criam a brincadeira, alimentada com mingau nas ruas da cidade e a venda da língua do boi, encontrou em Luiz Gonzaga e Luiz Pereira os guardiões para levar a fábula amazônica do boi-bumbá, que vem apaixonando gerações. Salvaguardado, suas lembranças e narrativas ecoam nas falas e linhas escritas por Dona Odineia Andrade, a mãe do boi, e sua fiel escudeira Ednelza Cid, que com sua máquina de costura cozia mais que belas indumentárias, costurava em tecidos bonitos e coloridos a história de abnegação e amor a um boi de pano. Assim, sua parenta Celia, guardiã das memórias da sua família, herdada de sua tia Nelcina Cid, cujos tesouros de família está a valiosíssima agulha que era usada para coser o couro negro do Caprichoso.

Suas toadas atravessavam as ruas da cidade, entoadas de forma potente por “Seo” Wilson Sanches, mestre toadeiro e versador dos melhores. Criava versos para o Touro Negro, batucando em uma caixa de fósforos as toadas acompanhadas do surdão, treme-terra, habilidosamente tocado por marujeiros como Chumbão. Hoje o treme-terra não rufa mais, porém, ainda assim o tambor do Caprichoso rompe as fronteiras do reduto azulado e, na baqueta de “Seo” Bacuri, transmite a cadência ritmada que só a Marujada possui.

Junto a estes, se juntam tantas pessoas, pescadores, catraieiros, estivadores do antigo trapiche da cidade, que generosamente uniram seus sonhos, sua determinação,

enfrentaram preconceitos e ousaram consolidar o que hoje se tornou a nossa identidade cultural e por mérito, patrimônio cultural do Brasil.

Essa gente de alma azulada fez poesia e arte, misturando o artista e o público, a sabedoria orgânica e popular oriunda dos que realmente vivem, respiram, inspiram, suas (escre)vivências, partindo contra ao que normalmente descredencia a voz dos grupos, chamados de minorias, mas que de fato e direito, não o são. Na acepção da palavra vivem o conceito do termo na sua íntegra. Repassam e transmitem de geração a geração esse legado de amor e dedicação ao boi Caprichoso, uma vez que ao assumirem a própria cultura como razão de sua existência, enquanto representações e sujeitos, se levantam contra as situações de preconceitos que a brincadeira de boi em Parintins sofreu.

Nossos representantes desse legado e dessa herança azulada deixam marcado o valor do simbólico em nossa vida, nosso sentimento de pertencimento a Parintins, ao lugar de nascimento do boi Caprichoso. Este que orgulhosamente revive a sua promessa, mas que vem dialogando com o presente, levantando voz junto a outras expressões, levando a bandeira da cultura e do amor junto a generosidade, assim como foi bem no início de tudo, consciente do seu valor e da sua consciência criadora. Para encerrar, quero evocar os versos de mestre Raimundinho Dutra, herdeiro de mestra Sila Marçal: “Caprichoso é lapidação de boi-bumbá e um verdadeiro reinado”.



MOVIMENTO MARUJADA 35 ANOS

por **Rogério de Jesus (Roca)**

Presidente do Movimento Marujada

“Nada é tão bom que não possa ser melhorado”, foi com esse pensamento que alguns jovens filhos de Parintins residindo em Manaus e amigos manauaras decidiram apoiar a iniciativa do governo amazonense naquele ano de 1988 com a inauguração do Bumbódromo parintinense, para começar a agigantar o nosso Festival Folclórico.

É verdade que a trajetória do festival já era muito promissora, com crescimento ano a ano, embora as nossas toadas ainda não tocassem regularmente nas rádios de Manaus, e foi justamente esse o nosso principal objetivo na época: apoiar financeiramente as atividades de galpão do boi lá na ilha e, também, mostrar a beleza e a relevância do trabalho dos nossos compositores e dos artistas parintinenses, que começavam a alcançar sucesso trabalhando nas escolas de samba manauaras.

Esse nosso movimento pioneiro, iniciado nas tardes de sábado num barzinho familiar no Conjunto Ica Maceió, ganhou adeptos e cresceu

tanto que fomos alguns anos depois já no Clube TvLândia, considerados campeões de vendas de cerveja por minuto no Brasil, e nossas atividades continuavam com suas metas bem focadas: a divulgação das toadas de boi-bumbá e do festival folclórico como um todo, e apoiar financeiramente a preparação do boi de arena.

Assim, podemos dizer que alcançamos sucesso em ambos, pois nos anos 90 chegamos a ser o maior parceiro financeiro do Caprichoso, e conseguimos ajudar o festival a virar a maior atração de sucesso musical em Manaus, apoiando diretamente o surgimento de inúmeros artistas e bandas de boi-bumbá, além de influenciar na criação de eventos



como o Boi Manaus e o Carnaboi.

Também sempre procuramos exaltar a parte cultural do Festival, por isso sempre foi dado apoio à gravação dos Cds do Boi Caprichoso, e ajuda financeira para os artistas de boi bumbá que queriam levar sua arte para fora do Amazonas. Dou como exemplo, que quando o pioneiro artista Juarez Lima foi pela primeira vez para o Rio de Janeiro trabalhar no Carnaval, estivemos junto com nossa contribuição, e essa iniciativa acabou por resultar no sucesso dos artistas parintinenses que todos hoje assistimos e nos acostumamos a apreciar nos carnavais brasileiros.

Com nosso apoio também foram criados os grupos de dança GDM, substituído depois pelo CDC, e as torcidas organizadas FAB, FBI, Raça Azul e tantas outras. Foi criada no Bar do Boi, a Marujada de Guerra em Manaus, sempre com o apoio dos nossos membros, colaboradores e torcedores azulados conquistados ao longo desses 36 anos.

Certamente que foi e continua sendo um trabalho de dedicação e de paixão pelo Boi Caprichoso, e que mostra que nem sempre é necessário ser especialista em comércio ou em produção cultural para obter sucesso nos eventos, quando executado com bom senso e destemor, e acima de tudo com transparência, o que nos credencia hoje para representar o nosso Touro Negro das Américas junto às autoridades constituídas do Governo estadual. É uma legião de amantes do folclore a dedicar suas horas de lazer a uma causa nobre e capaz de movimentar multidões. Parabéns a todos que deram sua contribuição, e aos que continuam fazendo esse trabalho digno e dedicado, que apoia a nação azulada a ser cada dia maior e mais aguerrida na busca dos campeonatos. Viva o nosso Boi Caprichoso tricampeão, vamos ser otimistas.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE: UMA POROROCA CULTURAL NO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS

por **Carlos Carvalho da Silva**

Professor do ICSEZ/UFAM, pesquisador de festas culturais, observador de sujeitos, ouvinte e amante de boas histórias.

Tempo, inexorável tempo. Somente ele para conseguir colocar duas forças numa balança aparentemente antagônicas, equilibrando tradição e a modernidade.

Não posso abordar um assunto de tamanha complexidade sem olhar para quem faz a festa dos bois-bumbás de Parintins – o POVO. São mãos, memórias, sentimentos e oralidades entrelaçadas nas toadas, nas costuras de figurinos e nos [e pelos] objetos simbólicos e reais que celebram a CULTURA.

Reconheço que tradição e modernidade na festa dos bois-bumbás em Parintins existem como elementos da floresta que vivem sob forma mutualística e simbiótica. Pela mesma razão, ciente no reconhecimento da cultura dos bois-bumbás, devo, antes de tudo, [re]conhecer o seu povo como agentes estruturantes da festividade. Portanto, minhas palavras serão acompanhadas por muitas outras vozes que não são ouvidas. Elas vêm das ruas, dos trabalhadores que sobem e descem pelos desníveis das calçadas. Das mães que carregam suas sacolas pulando pequenas valas que cortam as ruas. Do “olha já”, “do mano”, “da mana” e do “estou até o tucupi”. Dos currais, galpões e ateliês dos bois-bumbás de Parintins, a Ilha da Magia.

A Parintins que vive das contradições e dualidades, ora na defesa da tradição contra a modernidade, ora na modernidade que se ingera nas tradições. Das narrativas que atravessam o tempo na defesa de quem é o ser humilde ou com posses através da significação de suas

cores. Devemos vivenciar, digo, experienciar uma cidade entre o período de cheia do rio Amazonas e das secas severas como provas de existências da vida, tal qual a resistência das luvas de tucandeiras, que os habitantes de Parintins compartilham alegrias e mazelas comuns a qualquer sociedade. Dessa forma, entenderemos o significado de tradição na cultura dos bois-bumbás.

Do mesmo modo, aceitamos que as contradições, narrativas e disputa de cores que coexistem na Ilha de Tupinambarana, tornam-se ingredientes essenciais para a manutenção da festividade, como aponta Carlos Rodrigues Brandão (1989, p. 8-9) “a festa é uma memória e uma mensagem [...] a festa restabelece laços” e os laços também são mantidos pelo conflito “destinado a resolver dualismos divergentes” (SIMMEL, 1983, p. 122) criando uma unidade: o festival dos Bois-Bumbás.

Diante das transformações sociais, econômicas e culturais, inerentes ao tempo inexorável, as transições e rupturas entre passado e presente são lembradas e ressignificadas. Afinal, as tradições praticadas nos bois-bumbás não são pedras fossilizadas que carregamos pelo tempo e sim, práticas artísticas e culturais reinventadas na arena do Bumbódromo. As modernidades são sobreposições de fragmentos deixados pelas transformações de nossa sociedade. Nas festas, as inovações são evidências tecnológicas

em constante diálogo com a contemporaneidade. A tecnologia não faz apagar o papel da festa de anunciar a mensagem que “somos agora o que não éramos antes” (BRANDÃO, 1989), como resolução dos conflitos das forças que divergem e convergem na rua, no curral ou na arena.

Contudo, na ilha onde mora a cobra-grande, a cultura está nas ruas, nos quintais abertos para receberem seus bois-bumbás em dia de festa, nos currais vibrando aos sons das palminhas, repiques e caixinhas. Caminham para além das fronteiras de cores, símbolos ou galeras. A cultura do povo de Parintins é dinamizada e sintetizada simbólica e materialmente apenas por um objeto de devoção, o Boi-Bumbá. Onde, indubitavelmente, os versos da toada Feito de pano e espuma (Caprichoso, 2022), narram a dialógica das tradições e modernidades do boi-bumbá, quando o boi é “feito de pano e espuma [de] suor, veludo e cetim. Também é feito de lembranças e lutas” destacando a materialização dos processos sociais e culturais de Parintins.

Lugar onde os pássaros encantados em revoadas retornam para bailar em coreografias sincronizadas, durante os ensaios no Zeca Xibelão. Os moradores com pés no chão ou calçados dançam com “o brinquedo [que] é real”, ao som de toadas que se repetem e se recriam anualmente no curral. A festa do boi-bumbá Caprichoso é uma memória das f[r]estas das festas, onde observamos saberes celebrados nos figurinos, nos objetos e nas alegorias ingeradas em narrativas amazônicas - o hiperdimensionamento dos cotidianos, dos fazeres e saberes, transmitidos pelas oralidades e de “lembranças de lutas” (Caprichoso, 2022).

Seja no currais ou ruas e quintais, o boi-bumbá Caprichoso é uma pedagogia não-institucionalizada, que percorre no banheiro do rio Amazonas e no encontro das águas nos fazendo refletir essa pororoca de tradição e modernidade. O boi negro de Parintins é uma escola, o boi-bumbá real e simbólico é o nosso professor sem lousa, que ensina em formas de toadas. Curumins e cunhatãs aprendem dançando, respeitando diversidades e a natureza. brincando. O boi-bumbá Caprichoso é TRIunfo do POVO parintinense, que entra na arena para brincar de boi.



O MAIS QUERIDO DO POVÃO

por **Maria de Jesus Pacheco Ribeiro**

Professora da Rede Estadual de Ensino, Sócia e Torcedora do Boi Bumbá Caprichoso

Não é difícil compreender porque “meu touro negro é o mais amado deste chão”.

Nasceu do seio do pescador, do estivador do porto, do feitor de lamparina, da lavadeira, do ribeirinho, do agricultor, da costureira, da mulher e do homem simples. Nasceu dos que vivem livremente seu gênero, das pessoas pretas, indígenas, brancos e mestiços. É a voz daqueles que, com suor e alegria, constroem a riqueza cultural da nossa terra.

Entender a imagem de que o Boi Caprichoso não é o boi da elite é essencial para entender a verdadeira essência desta manifestação cultural porque o nosso touro negro Caprichoso é, na realidade, um símbolo da periferia, nascido no coração da Amazônia, na cidade de Parintins. Seus brincantes – aqueles que dão vida ao boi nas apresentações – são pessoas do povo, como pescadores, professores, artistas e trabalhadores locais.

Na verdade, o Boi Caprichoso representa a autenticidade e a diversidade da população amazônica. Suas raízes estão profundamente conectadas à vida simples e ao cotidiano da comunidade. Ao contrário do que possam pensar, ele não é uma expressão elitista, mas sim uma celebração das tradições populares e da riqueza cultural da região tão cobiçada e representativa do planeta - a Amazônia, sobre a qual bradamos pela proteção em nossas toadas e apresentações. Em Parintins, o Caprichoso é o boi mais querido do povão, sim, porque reflete as vozes e as histórias dos moradores que vivem nas comunidades às margens dos rios, que desde sua origem construíram essa cultura com suas próprias

mãos, seu suor e muito amor. Cada dança, cada canto e cada ritual apresentado nas festas do boi carregam consigo a marca dos ancestrais, das lendas indígenas e das práticas culturais que foram transmitidas de geração em geração.

O Boi Caprichoso é, assim, é a representação de um sonho coletivo, onde cada batida do tambor ecoa o coração do Amazonas, na alma do Brasil. É a expressão máxima de um povo que valoriza suas raízes, que celebra a diversidade e que encontra na simplicidade do cotidiano a grandeza de sua identidade. Cada música, coreografia e encenação trazem consigo a história de luta e resistência, a beleza de uma cultura viva e pulsante.

O Caprichoso é mais que um boi-bumbá; é a materialização da alma de um povo. Um símbolo de união e orgulho, onde o riso e o choro se misturam nas cores vibrantes e nos movimentos ritmados. Nasceu das mãos calejadas e dos sonhos compartilhados, crescendo com a força daqueles que nunca deixaram de acreditar na magia do Festival Folclórico de Parintins inserida na rica cultura desta região Amazônica.

Todos os anos, quando o Boi Caprichoso entra na arena, não leva apenas a esperança de vitória, mas a certeza de que a cultura popular é imortal. Ele é o espelho em que cada um de nós se vê refletido, um lembrete constante de que, mesmo nas adversidades, a arte e a tradição prevalecem. Por isso, quando gritamos “MEU



CAPRICHOSO É ASSIM! O MAIS QUERIDO DO POVÃO”, não estamos apenas celebrando um boi, mas homenageando um legado que pertence a todos nós, parintinenses, no coração da imensa Amazônia.

Meu touro negro é a essência de um povo, a chama que nunca se apaga, a celebração contínua da vida em sua forma mais pura e autêntica. É a prova viva de que a cultura popular é a alma de uma nação, e que o Boi Caprichoso, nascido do amor e da fé, continuará a ser o mais querido do povão, hoje e sempre. Com suas cores azul e branco, o Boi Caprichoso se diferencia como o boi negro mais querido, ganhando o coração de seus seguidores, representado na sua estrela na testa, através de um espetáculo que une música, dança, e teatro em uma experiência única. Cada apresentação é uma homenagem às lendas, mitos e tradições do Amazonas, transmitindo mensagens de respeito à natureza e de valorização das raízes indígenas e caboclas.

Neste sentido, o Boi Caprichoso não é apenas um ícone cultural, mas também um agente de transformação social, promovendo a inclusão e a valorização de todos os segmentos da sociedade. Sua trajetória é marcada pela luta por reconhecimento e pela preservação das tradições, inspirando novos artistas e entusiastas a continuar o legado.

Os brincantes do Boi Caprichoso são pessoas

que, apesar das adversidades e das limitações econômicas, dedicam-se com paixão e orgulho a essa tradição. Pescadores que conhecem os segredos das águas, professores que educam as novas gerações, artistas que criam e recriam a magia das festas – todos se unem para manter viva a chama do Boi Caprichoso. É essa união e esse espírito comunitário que fazem deste Boi Bumbá uma verdadeira expressão do povo. Posto que ele é uma manifestação de resistência cultural e social, é o espaço onde todos têm voz e vez, onde a simplicidade e a humildade são celebradas como virtudes. Desmistificar a ideia de que o Boi Caprichoso pertence à elite é reconhecer a força e a beleza que emergem das raízes indígenas, africanas, ribeirinhas e caboclas, reafirmando o nosso brinquedo de pano como um patrimônio de todos aqueles que, com suas histórias e tradições, compõem o rico mosaico cultural da Amazônia.

Portanto, o Boi Caprichoso é, acima de tudo, um símbolo de inclusão e pertencimento. Ele é a prova viva de que a cultura é feita pelo povo e para o povo, independentemente de classe social. Na arena de Parintins, é o grito do pescador, do ribeirinho, do preto, dos povos tradicionais, é a voz do professor e da arte do trabalhador que ecoam, transformando o Caprichoso no boi mais querido do povão e autêntico da Amazônia.

MEU CAPRICHOSO É SIM O MAIS QUERIDO DO POVÃO!



A LUTA DOS POVOS INDÍGENAS

por **Gilvana Borari**

Indígena do Povo Borari de Santarém / PA, ativista, artista e Conselheira de Arte do Boi Bumbá Caprichoso

Eu sou Gilvana Borari, uma “ativista” indígena da etnia Borari, de Alter do Chão, no coração da Amazônia brasileira.

O povo Borari, assim como outros parentes indígenas, são fortemente influenciados pelas tradições e pela rica cultura de seu povo fazendo disto uma ferramenta de luta como fortalecimento de sua identidade.

Minha jornada artística é uma extensão do meu compromisso com a luta pelos direitos dos povos originários e ribeirinhos, uma luta que se entrelaça com a defesa do nosso território e da nossa floresta.

Minha atuação com a cultura popular dos povos da Amazônia é uma forma de amplificar as vozes indígenas, principalmente de mulheres. Nos festivais da região, como o Festival de Parintins, onde atuo como conselheira de arte do Boi Caprichoso, vejo a dança e a música como um espaço de resistência e resiliência. Estes eventos não são apenas celebrações culturais, mas plataformas onde reivindicamos nossos direitos e mostramos ao mundo a força e a beleza das nossas tradições.

Ser uma mulher indígena em um espaço como este é uma responsabilidade imensa. Através da minha arte busco fortalecer a luta pelos direitos dos povos indígenas na defesa de nossos territórios, que é nosso corpo e nosso espírito. A arte, para mim, é uma forma de

honrar nossos ancestrais e garantir que suas histórias e conhecimentos sejam transmitidos às futuras gerações. É também um meio de educar a sociedade sobre a importância da nossa existência e resistência.

A Amazônia não é apenas um bioma; é o lar de inúmeros povos que têm um profundo respeito pela natureza. A preservação da floresta é essencial não só para nós, que vivemos aqui, mas para todo o planeta. É urgente mantermos a floresta em pé, pois ela é vital para a sobrevivência da humanidade e abrigo da nossa cultura. A natureza e o homem devem coexistir em harmonia, e essa mensagem é central em todo o meu trabalho.



ASSAÍ
ATACADISTA



NO FESTIVAL DE
PARINTINS

**PRA SUA ESTRELA
BRILHAR MAIS FORTE!**

ASSAÍ. O ATACADISTA OFICIAL
DO FESTIVAL DE PARINTINS 2024.

PATROCINADORA OFICIAL DO FESTIVAL DE PARINTINS



TRADIÇÃO
que encanta
**NOSSO
POVO**

VIVA A CULTURA QUE BRILHA INTENSA COMO
NOSSA ESTRELA. ESSA É NOSSA ESSÊNCIA.
ESSA É A NOSSA PRESENÇA.

Cuidar é o Nosso Norte

 **Samel**
PLANOS DE SAÚDE



OS BUMBÁS E A VIDA CULTURAL DE PARINTINS

por **Marilene Corrêa da Silva Freitas**

Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas, membro da Diretoria da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas.

A arte e suas manifestações encontram-se entre os mais complexos temas de estudos culturais contemporâneos.

Localizo nesta esfera os Bumbás de Parintins, Caprichoso e o boi contrário, expressões artísticas indiscutíveis da cultura popular amazonense. Sim, os Bumbás são oriundos da mesma estrutura sociocultural que os faz desenvolverem-se entre oposições, divergências, contrapontos, elementos dinâmicos do aperfeiçoamento de ambos. Adquiriram e renovam seu brilho aos olhos do mundo em Parintins. Pertencem ao mesmo contexto, inventam repertórios e cenários no mesmo solo. Convivem com outras tradições artísticas e culturais sendo eles próprios. Esta movimentação é simultaneamente existencial e simbólica, produz a chama do pertencimento e marca a trajetória de reconhecimento de cada

agrupamento cultural. Constroem equivalências anuais, a corrida começa quando se anuncia o vencedor da competição do ano corrente...

Dito de outro modo há uma reciprocidade entre os dois Bumbás.

Ambos se conhecem e se reconhecem adversários, têm identidades, armas de guerra, hinário, valores coletivos. Os Bumbás definem as estratégias de luta no campo da competição pela ordem estética. Investem-se de conhecimento, beleza, organização. O conjunto da busca pela perfeição e convencimento induz o ritmo do passo a passo ao conjunto da narrativa apresentada que contagia



adeptos, visitantes, estreatantes, encantamento coletivo que mobiliza multidões!

Põe-se o problema a pensar se essa disputa permaneceria fora do quadro do auto e do inter entendimento. Sim, a existência dos Bumbás é intersubjetiva e para tal concorre a existência dessa cultura comum. Um e outro não se deixam descredenciar do nível que atingiram, perdendo ou ganhando. Estão investidos pelo tempo e pela legitimidade popular que os credenciou e transformou brincadeiras em indústria cultural, em metamorfose de cadeia produtiva para economia da cultura. O campo da disputa agora se reveste de institucionalidade, os bumbás não pertencem mais a eles próprios.

A questão desdobra-se em identificar como cada qual Boi-Bumbá define no processo de resistência cultural, considerando que ambos construíram possibilidades de equivalência a cada ano. O Boi Caprichoso e o boi contrário, de novo, no mesmo plano. Se assim é, põe-se a tarefa de assegurar que os fenômenos mais amplos de pulverização das identidades não desfavoreça o foco da disputa cultural, tal seja, que os elementos de resistência permaneçam, sobretudo em sua realização artística. Portanto, a manutenção desse padrão estético de luta supera o organizacional e o econômico, e adquire feição política.

Pode parecer fácil, mas não é. Significa que se um grupo é dominante, exemplo de uma classe, tudo

fará para retirar do outro as características originárias que o consagraram e fizeram único, ou despojá-lo de seus constituintes próprios, até desalojá-lo do coração, da dimensão afetiva do reconhecimento. Quando os grupos que são opostos e constroem acordos em que se veem como iguais, já aconteceu um enorme processo de racionalização cultural. No plano artístico desenvolve-se um conjunto de ações de transformação de pulsões destrutivas em itinerários individuais e coletivos criativos, surpreendentemente sedutores e estimuladores da inteligência. A lógica da criação é agora agregadora de vida e não de morte. A resistência cresce no campo associativo, político e cultural com alcances cada vez mais importantes em conquistas de preferência.

Impõe-se uma questão final relacionada às necessidades e estratégias de resistência às novas formas de desigualdade ou de colonialidade no âmbito da cultura popular. Quem vai liderar essa transformação coletiva de manter as diferenças no nível da diversidade criativa sem destruir a cultura comum nem a natureza estética e política da competição? Um ou outro a cada ano? Como dar-se-á essa dinâmica entre cada agremiação, internamente, e o público externo?

Amazonenses e parintinenses são brasileiros, mesmo diferentes de cariocas e paulistas e outras regionalidades. Somos o que nos propusemos ser... e seremos mais à cada ano. Resistiremos!



NOSSOS ITENS

Eles são representatividade, voz, música, ritmo, dança, ancestralidade, ritos, pajelanças, cortejam e defendem o pavilhão azul e branco com arte, amor e poesia.

Lapidados na Escola de Artes do Caprichoso, nosso itens tem raízes na tradição, na genialidade da vida ribeirinha, nos quilombos e na luta dos povos originários.

São eles que emprestam a delicadeza, a paixão, a coragem, o brado, a força, o triunfo e a fé para levar ao mundo a mensagem de resistência e celebrar na arena do Bumbódromo a magia da mais autêntica manifestação da cultura popular, o Boi Caprichoso.



ITEM 01 | APRESENTADOR

EDMUNDO ORAN

Nosso apresentador Edmundo Oran é o anfitrião do espetáculo na arena do Bumbódromo. Seu domínio da arena e do público ajuda o Boi Negro de Parintins a desenvolver a defesa do tema durante as três noites de apresentação no Festival. Edmundo Oran é diferenciado: nasceu, cresceu e ainda mora no Bairro Palmares, reduto tradicional azul e branco. Por isso, ele é a voz do povo de Parintins e, como cria da Escola de Arte do Boi Caprichoso, traduz em palavras e toadas o verdadeiro sentimento de ser Caprichoso. É um artista completo e revolucionário da floresta, pois além da sua oratória segura que conduz a narrativa do Boi Caprichoso na arena, ele também canta sem medo, sem perder a afinação nas toadas. Edmundo Oran é um item completo, que possui todos os atributos de um campeão.



ITEM 02 | LEVANTADOR DE TOADAS

PATRICK ARAÚJO

Patrick Araújo, o levantador de toadas do Boi Caprichoso é o elemento central no espetáculo musical azul e branco no Bumbódromo. Sua voz imponente, marcada por afinação precisa e dicção articulada, combinada com sua expressão corporal marcante, o destacam como uma das maiores revelações recentes do Festival de Parintins e, atualmente, como o melhor item 2 da festa. Ele personifica a alegria das ruas de Parintins e a força do Povo Caprichoso, manifestadas em toadas, letras e músicas que ele interpreta de forma inconfundível. Esse curumim conquistou o amor e o respeito da nação azul e branca, sendo responsável por guiar a trilha sonora do Boi Negro de Parintins e transformar o Triunfo do Povo em poesia.



ITEM 03

MARUJADA DE GUERRA

A Marujada de Guerra do Boi Caprichoso é a expressão rítmica da tradição azul e branca na arena de apresentação. Os marujeiros e marujeiras são pessoas simples da comunidade parintinense, artistas do povo que aprenderam a tocar os instrumentos ainda pequenos, como curumins e cunhantãs, com os ensinamentos repassados de maneira empírica pelos grandes baluartes do item 3 do Festival de Parintins. Participar da Marujada é motivo de orgulho para as famílias. Vestir a indumentária no Bumbódromo é sentir-se parte do espetáculo e realizar o sonho de infância de defender na arena as cores do Boi Negro de Parintins. Atualmente, Márcio Cardoso e Vitor Hugo são os regentes do item 3 e comandam o melhor ritmo, a melhor cadência e a melhor harmonia do festival da Ilha Tupinambarana.



ITEM 04

RITUAL INDÍGENA

Neste item, o Povo Caprichoso recria a força dos rituais indígenas com base nas pesquisas realizadas ao longo do ano pelos membros do Conselho de Arte. Utilizando um arcabouço artístico cênico e alegórico, o Ritual Indígena ganha vida na arena com a teatralização marcante dos participantes do espetáculo. Alegorias colossais, concebidas pela criatividade dos artistas de Parintins, muitos moldados na Escola de Artes do Boi Caprichoso, entram em diálogo com os cantos e danças indígenas recriados no Bumbódromo, com efeitos que só o Caprichoso é capaz de produzir. Essa beleza rara encanta pela sua grandeza e originalidade.



ITEM 05 | **PORTA-ESTANDARTE**

MARCELA MARIALVA

É o símbolo do boi em movimento. Seus méritos estão no bailado, garra, desenvoltura, simpatia, elegância e alegria. A mulher que sincroniza a graciosidade de sua dança com os movimentos livres do pavilhão azul e branco é Marcela Marialva, a própria força do estandarte. Imponente e aguerrida, é conhecida como um verdadeiro furacão azul no Festival de Parintins. Ela é imbatível, nunca tendo perdido na arena do Bumbódromo. Para uma performance empolgante e emocionante, Marcela ensaia diariamente e incansavelmente. Tem uma rotina intensa de treinamentos e toda dedicação e suor resultam em apresentações incríveis, dignas do poder do pavilhão que ostenta. Ela empunha o estandarte com destreza e graça, numa amálgama extasiante que levanta a nação azul e branca.



ITEM 06 | **AMO DO BOI**

PRINCE DO CAPRICHOSO

Na tradição do “Auto do Boi”, o amo é o dono da fazenda. Na festa do Caprichoso, o amo do boi é o menestrel que declama versos para o público na arquibancada. Ele é um repentista que cria rimas para o seu boi querido, para a sinhazinha da fazenda e até desafia o boi adversário. Para defender o item 6 no Festival de Parintins, o Boi Negro da cidade conta com o talento de Prince do Caprichoso, um artista renomado, experiente e uma referência para os mais jovens na arte da improvisação. Ele é capaz de transformar o cotidiano amazônico em poesia, retratando as comunidades ribeirinhas, os povos indígenas e o povo de Parintins, que nunca desiste de lutar. Prince se destaca pela sua qualidade musical, apresentando-se sempre com extrema afinação, dicção e postura de um verdadeiro amo do boi.



ITEM 07 | **SINHAZINHA DA FAZENDA**

VALENTINA CID

Valentina Cid é a estrela cintilante do Boi Caprichoso. Ela é filha do dono da fazenda (amo do boi), a sinhazinha da fazenda. A bela e meiga menina compõe o auto do boi, um momento histórico na criação do Boi Caprichoso. Valentina nasceu em berço Caprichoso e sua história de vida se mistura com a própria criação da brincadeira de boi em Parintins. Ela é tataraneta de Roque Cid, fundador do Caprichoso. A bela menina representa a tradição familiar, conforme a história nos conta. Ela é filha da primeira sinhazinha do Caprichoso, Karina Cid, e herdou a paixão pelo bailado de menina da mãe. Valentina tem uma identidade própria na arena, com traços singelos e carismáticos, típicos de uma verdadeira Cid. A menina que cresceu nos terreiros e quintais azuis do Palmares tem uma relação íntima de amor com o boi, seu brinquedo e sua paixão.



ITEM 08 | RAINHA DO FOLCLORE

CLEISE SIMAS

Muitas lendas são histórias “falsas” criadas pelas mentes colonizadoras como instrumento de catequização. O herói mítico Jurupari, que conduziu os povos do Alto Rio Negro para a sua revolução agrícola, foi “demonizado” e transformado num monstro pela narrativa errática dos padres coloniais, assim como outras narrativas que conseguiram vencer a batalha por seu território de existência.

Assim, surge a Rainha do Folclore, Cleise Simas, representando a presença das histórias orais na região amazônica, passadas de pai para filho, de mãe para filha e deles e delas para as próximas gerações. Estas histórias sobreviveram há séculos de opressão, tornando-se um libelo de luta e esperança para o futuro da humanidade.



ITEM 09 | CUNHÃ PORANGA

MARCIELE ALBUQUERQUE

Ela é a guardiã da aldeia azul e branca. A cunhã poranga (moça bonita) expressa sua força com sua rara beleza, moldada pela natureza. Guerreira nativa que incorpora toda a ancestralidade dos povos indígenas, mostrando o poder e a luta da mulher.

Marciele Albuquerque é indígena do povo Munduruku. Ela traz no sangue a herança dos povos originários, é nativa, guerreira, aguerrida. Uma mulher que não precisa de representação, porque ela própria é a luta, é a resistência. Marciele entende a importância de seu papel e não foge à luta. É ativista feminista e defende a causa indígena e ambiental. Participa de movimentos sociais e culturais pela proteção dos povos originários, como a Marcha das Mulheres Indígenas. Uma cunhã que luta pelo seu povo dentro e fora da arena.



ITEM 10 | **BOI-BUMBÁ (EVOLUÇÃO)**

ALEXANDRE AZEVEDO

O Boi-Bumbá é o símbolo máximo da nossa expressão cultural, brilhando intensamente no espetáculo azul e branco. Feito de pano e impregnado de amor popular, ele representa a essência do Povo Caprichoso. A família desempenha um papel vital e sustentador para o grupo, e nesse contexto, Alexandre Azevedo personifica a continuidade desse amor transmitido de geração em geração.

Alexandre é um exemplo vivo desse legado, tendo aprendido desde cedo com seu pai, o saudoso Marquinho Azevedo, o ex-tripa do Caprichoso. Foi ao lado dele que absorveu o bailado tradicional e emocionante que caracteriza o Caprichoso, tornando-se assim um guardião desse conhecimento tão precioso.

Acompanhado da família Azevedo, ele constrói o brinquedo de pano, projeta os movimentos e ensaia incessantemente para trazer à arena um boi real, artístico e extasiante. Criador e criatura numa simbiose de corpo, alma e amor.



ITEM 11

TOADA (LETRA E MÚSICA)

A toada é a trilha sonora do espetáculo apresentado na arena do Bumbódromo, sendo o suporte lítero-musical do Festival e o elo entre a individualidade e o grupo. As toadas mostram, por meio da poesia, a luta do Boi Caprichoso pela Amazônia e seus povos. O Boi Negro de Parintins foi responsável por fazer com que a toada pudesse diversificar não apenas seus temas, mas principalmente elementos de outros gêneros musicais, o que torna a toada do boi-bumbá de Parintins cada vez mais singular. O Boi do Povo canta em suas toadas os costumes dos amazônidas, o amor pelo boi, pela cultura e por sua gente, mas também denuncia e repudia qualquer tipo de vilipêndio ao nosso Povo, à nossa Amazônia e a tudo aquilo que mantém vivo o equilíbrio ambiental tão importante para nós, os povos da floresta. É a palavra que encanta. A palavra que encanta, o canto que ninguém vai calar, o sabor sonoro do grito que rasga o tempo para proclamar ao povo o triunfo do seu saber.



ITEM 12 | PAJÉ

ERICK BELTRÃO

O Pajé é o curandeiro, o sacerdote, o ponto de equilíbrio dos povos originários. Erick Beltrão, defensor desse papel, é um dos artistas do Festival de Parintins moldados no projeto social do Boi Caprichoso, na Escola de Arte Irmão Miguel de Pascalle. Ele revolucionou o papel do pajé ao unir a força de sua dança com a responsabilidade de proteger e lutar contra todas as formas de crimes cometidos contra os povos amazônicos e, principalmente, contra os territórios indígenas. Além disso, Erick contribui com projetos do Caprichoso voltados para crianças, como a Tarde Alegre Infantil, durante a qual realiza pinturas artísticas para os pequenos e orienta aqueles que se interessam pelo papel do pajé com base em seus conhecimentos e experiências.

Erick Beltrão assina trabalhos em várias festividades pela Amazônia, bem como nos carnavais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seu talento foi reconhecido pela bailarina e coreógrafa Deborah Colker, que o convidou para criar juntos o quadro “Pindorama”, apresentado ao mundo na abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.



ITEM 13 | (REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA)

POVOS INDÍGENAS

O item 13 do boi-bumbá de Parintins representa os grupos étnicos que compõem os povos indígenas do Brasil. Este contexto folclórico é apresentado por meio de um espetáculo musical e coreográfico que propõe movimentos, sincronia e indumentárias fiéis às raízes e tradições dos povos originários. Além de ser visualmente impressionante, o item também simboliza as grandes batalhas travadas pelos indígenas no país e ressalta a importância da preservação da natureza, dos recursos naturais, da sustentabilidade e da proteção da Amazônia.

O item dos povos indígenas promove o respeito e a valorização da diversidade cultural, contribuindo para a preservação das tradições milenares e para o fortalecimento das identidades indígenas.



ITEM 14

TUXAUAS

Os Tuxauas são chefes do seu povo, representando a alegoria do universo indígena e do caboclo da Amazônia. O precursor dos Tuxauas no Festival de Parintins foi Zeca Xibelão, que dá nome ao Curral do Boi Caprichoso. Foi o Boi Caprichoso também que destacou na história do Festival a dona Maria Lúcia Nascimento como a primeira mulher a defender o item 14. Os Tuxauas exaltam a cultura, a beleza e a força dos povos da floresta em seus “Cocares alegóricos”, mantendo-se fiéis ao tema do espetáculo com criatividade e originalidade.



ITEM 15

FIGURA TÍPICA REGIONAL

A Figura Típica Regional no Festival de Parintins é o símbolo da cultura amazônica, refletindo os valores fundamentais a partir dos elementos que compuseram sua identidade cultural. Ela é uma homenagem às raízes de nossa terra, retratando na arena do Bumbódromo o cotidiano do povo da floresta. Em várias ocasiões, houve tentativas de excluir a Figura Típica Regional do Festival e do regulamento, mas isso foi evitado graças à persistência do Boi Caprichoso, que sempre defendeu esse elemento representativo de todos nós, amazônidas.

No Caprichoso, a Figura Típica Regional é sempre representada por pescadores, tacacazeiras, donas de casa, produtores rurais e outras pessoas que reproduzem nas apresentações o que fazem no dia a dia.



ITEM 16

ALEGORIAS

Nossas alegorias são verdadeiras obras de arte que transcendem a imaginação. Cada estrutura é cuidadosamente concebida e executada pelos talentosos artistas de Parintins, revelando-se como um espetáculo visual único. A criatividade e a originalidade são os elementos-chave do item 16 do Caprichoso. Cada alegoria é planejada para contar uma história, envolvendo elementos da cultura e lendas amazônicas, com uma mistura de cores vibrantes, efeitos visuais deslumbrantes e performances coreografadas. Essas estruturas artísticas funcionam como suporte cenográfico para a apresentação, cativando a todos com sua exuberância, criatividade e originalidade. Além disso, surpreendem com a perfeição de seu acabamento, execução e grande porte, reafirmando o talento incomparável do time de artistas que compõe o Caprichoso.



ITEM 17

LENDA AMAZÔNICA

O item 17 no Bumbódromo revela a força do povo Caprichoso. Com uma temática centrada no imaginário das lendas ribeirinhas, esse item transporta o público para um universo encantado, onde as narrativas orais de terreiro e quintal ganham vida através de grandes momentos cênicos e alegóricos. A meticulosa construção dos cenários, juntamente com a impecável execução das performances e a habilidade extraordinária em transformar narrativas tradicionais em espetáculos emocionantes, demonstram o talento da equipe criativa do Boi Negro de Parintins.

A Lenda Amazônica é uma das forças do Boi Caprichoso no Festival de Parintins, destacando-se pela encenação e a originalidade das performances que criam uma experiência verdadeiramente memorável. Seu desenvolvimento faz com que nos conectemos com a vivência ribeirinha de maneira única.



ITEM 18

Vaqueirada

A Vaqueirada desempenha um papel crucial na apresentação do Caprichoso, sendo um item coletivo que entra na arena ao som do “aboio tradicional” do Amo. Esta celebração da cultura e das tradições do campo reforça a identidade amazônica, estabelecendo uma ligação entre a tradição e a inovação. Os vaqueiros movem-se de forma coordenada, criando formações harmoniosas que encantam pela precisão e unidade dos passos, transmitindo o comprometimento desses profissionais com a tradição.

É relevante destacar que, apesar da grandiosidade da apresentação, nossos vaqueiros são pessoas simples, muitos deles de comunidades como Parananema, Aninga, Macurany e diversos bairros da cidade, incluindo pescadores e agricultores. Eles representam a essência do povo amazônico e são os guardiões do Boi Caprichoso.



ITEM 19

GALERA

A Galera do Caprichoso é a alma pulsante do festival. Nela reside uma energia contagiante que transforma o simples em grandioso e o comum em extraordinário. São rostos sorridentes e corpos em movimento, formando um mar de pessoas humildes e trabalhadoras, como os calafates da Francesa, os ribeirinhos e os pescadores. Este é o Item 19 do Caprichoso: pessoas do povo, rostos anônimos que, na arena do Bumbódromo, se tornam protagonistas de uma história vitoriosa. A sincronia perfeita da Galera é um espetáculo à parte, contagiando todos ao redor como uma onda incontrolável de euforia. Em cada movimento, em cada grito de empolgação, há histórias de luta, superação e perseverança. Assim, a Galera do Caprichoso transcende sua função como elemento do espetáculo; ela se torna um símbolo de resiliência e união, sendo reconhecida como a melhor do Festival de Parintins.



ITEM 20

COREOGRAFIA

A coreografia é a essência que conecta a toada, a narrativa e a dança em uma única experiência, desempenhando um papel essencial na expressão artística. Os movimentos são executados com energia e intensidade, transmitindo o vigor da cultura amazônica. Os coreógrafos cultivam novas possibilidades, incorporando elementos inovadores e surpreendentes. Eles são responsáveis por conceber sequências únicas que encantam e envolvem o público, tornando a apresentação memorável. A expressividade dos movimentos é um elemento que se destaca na coreografia do Caprichoso, expressando uma tradição ancestral que honra as raízes culturais da região e reafirmando a identidade do Povo Caprichoso.



ITEM 21

ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO

A organização do Conjunto Folclórico consiste na reunião dos itens individuais, artísticos e coletivos, embasados no conteúdo do espetáculo e na disposição organizada na arena de apresentação. Uma das principais características é a disposição em que se encontram suas diversidades. No Boi Caprichoso, o item 21 reúne representantes de diferentes povos, trazendo as particularidades culturais de cada um deles, todos dispostos de maneira organizada no Bumbódromo. No projeto “Cultra – O Triunfo do Povo”, essa diversidade é valorizada e potencializada, proporcionando um espetáculo rico em elementos culturais.



PAI FRANCISCO, MÃE CATIRINA E GAZUMBÁ: REMEMÓRIAS DO AUTO DO BOI

O Auto do Boi é um momento de suma importância para o Boi Caprichoso. Não se refloresta nada sem raízes fincadas ao solo. E é no nascimento do Auto do Boi que tudo ganha vida e o bumba meu boi chega à nossa Amazônia em formato de boi-bumbá. Migrado, ressignificado: aqui, o pajé ganhará destaque, o bumbá se tornará a estrela maior da fazenda e Pai Francisco e Mãe Catirina, antes caricaturizados e minimizados por seus papéis de matadores do boi, destacam-se por serem interpretados por uma mulher negra, Ádria Barbosa, e por um homem negro, Fábio Modesto.

Tais personagens, junto de Gazumbá, estão sempre

presentes nas três noites do Caprichoso, não somente por uma questão de obrigatoriedade regulamentar, e sim por um compromisso social de representatividade simbólica e real. Quantos e quantas meninos e meninas negros e negras não se veem espelhados nestes personagens? Em nossas Tardes Alegres, vemos crianças que querem se tornar estes personagens tradicionais, o que muito nos orgulha e nos faz perceber que estamos no caminho certo em relação à decolonialidade, à interseccionalidade e à luta contra o racismo e todas as formas de opressão. O boi é bom para arte-educar.

Ministério da Cultura e Boi Caprichoso Apresentam:



**Lei de
Incentivo
a Cultura**
Lei Rouanet

Realização:

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



CULTURA – O TRIUNFO DO POVO

O Boi-Bumbá Caprichoso, o Boi das Multidões, com sua gente, artistas e torcedores, recebe as senhoras e os senhores para apresentar o espetáculo-manifesto “CULTURA – O TRIUNFO DO POVO.”

Para nós, cultura é mais do que a expressão de um povo, é o próprio povo manifestado em tudo aquilo que mais tem significado em sua vida. A cultura parintinense é um mosaico de saberes, fazeres, liberdades e resistências de diferentes povos; é a união tecida por muitos fios resistentes, que construíram uma identidade única e vibrante. É neste chão de saberes multiculturais que nasceu o Boi Caprichoso.

O povo parintinense de diversos cantos das periferias de Parintins – Urubuzal, Palmares, Francesa, Parananema etc –, com sua capacidade de preservar e renovar suas tradições, forjou o poder de triunfar por meio de sua cultura. É o Boi-Bumbá que transforma [a] diversidade em arte. É a semente viva que celebra a alegria popular em mais de cem anos de vivências!

Soma de conhecimentos e experiências que herdamos de nossos ancestrais, cultura é raiz e pluralidade; tubérculos que se aprofundam na terra para fortalecer e sustentar a vida. É ainda alicerce de tudo que constituímos, como um tronco forte e aberto, cujos galhos buscam sempre novos ares. É essa sapopema que nos nutre da essência mais

profunda guardada no ventre da terra. Terra cultuada e respeitada por nossos povos originários, nossas avós e tataravós, filhas de Pachamama. Raiz que acolheu os diversos povos que, entre saques e furtos, trocas e experiências, estupros e massacres, dores e amores, aqui também se tornaram filhos dela.

Desses entrelaces, nasceu uma cultura marcada em sua alma pela luta e amor por seu território. Em meio a tantas tramas arraigadas, emergiu – e continua a emergir – uma força de resistência: o Boi-Bumbá Caprichoso. O boi de mãe indígena, assim como nós, e de pai nordestino, como Roque Cid, trabalhador negro que encontrou nesta ilha mestres e mestras de muitas gerações, Maritas, Ednelzas, Silocas e Xibelões, fez transbordar nesta terra as nossas maiores **RAÍZES: O ENTRELAÇAR DE GENTES E LUTAS.**

Cultura é também tradição, um relicário carregado no bojo do tempo e compartilhado entre as gentes de geração a geração: dos antigos cortejos, alumiados por lamparineiros nas vielas da antiga Tupinambarana; dos Bois de Ruas atuais, das Tardes Alegres aos domingos; do bailar do Caprichoso ao redor das fogueiras. Uma



cultura que triunfa por meio de caminhadas, alegrias e solidariedades.

Em um tecido complexo e colorido que entrelaça histórias, tradições e sonhos, cultura é a alma viva de um povo! Mas não esperem de nós uma revisão de clássicos antropológicos. Aqui, nesta festa da cultura popular, reverenciamos homens e mulheres que sustentaram com muito amor e trabalho a tradição Caprichoso. Seo Zé Caiá, Seo Santarém e Seo Luiz Gonzaga, Dona Dora e tantas outras mães que embalaram o nosso boizinho em seu colo fizeram perpetuar o Boi-Bumbá Caprichoso de Parintins, o guardião de nossas **TRADIÇÕES: O FLAMEJAR DA RESISTÊNCIA POPULAR.**

Aprimoramento das muitas ideias, que se renovam ou se retomam, nutrem-se, fluem e indicam o melhor caminho para as decisões, cultura é também saber criativo, uma coleção de experiências consolidadas como uma passagem, que na escuridão da ignorância nos revelam sempre o melhor.

Foi por meio da cultura que nós, povos da floresta, libertamos nossa arte, nosso pensar, nossos sentimentos, lutas e anseios. E assim transformamos um brinquedo de pano em um dos maiores defensores da causa ambiental e das lutas por nossas terra e águas, reportadas em nossa arte desde a década de 1980.

Portanto, um porta-voz do brado da floresta, símbolo maior de culturas, as quais, mesmo sangrando, insistem em se manter de pé, pela continuidade da vida no planeta. Quilombolas, ribeirinhos, pescadores, indígenas pedem prudência pela conservação da cultura dos povos da floresta, os quais aprenderam de forma única o sentido e o valor de preservar.

É nesta grande floresta de ideias que o Boi Caprichoso se torna um talismã, símbolo de comunhão entre o povo, o próprio povo, do povo: um encontro, uma vontade coletiva, a trama de valores construída no tempo, uma tecedura de **SABERES: O REFLORESTAR**

DAS CONSCIÊNCIAS.

Esse é o Boi-Bumbá Caprichoso, o herói-brinquedo tecido de povo, que em três noites de celebração nos faz entoar um canto que reverbera os anseios de seu povo, fazendo ecoar em toda Amazônia: sou o povo a triunfar, sou a força popular, sou raiz, tradição e saber, a festa, a cultura do meu Boi-Bumbá.

Desejamos a todas, todos e todes uma feliz estadia e um excelente julgamento!

CONSELHO DE ARTE DO BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO:

Ericky Nakanome, Edwan Oliveira, Gilvana Borari, Socorrinha Carvalho, Larice Butel, Peta Cid, Adan Renê da Silva, Ronaldo Barbosa, Zandonaide Bastos, Jair Almeida, Roberto Reis, Paulo Victor Costa, Ronan Marinho, Rainer Canto, Adriano Aguiar, Edvander Batista e Márcio Braz.



RAÍZES: O ENTRELAÇAR DE GENTES E LUTAS

TANTAS AMAZÔNIAS, UM ÚNICO ARAUTO DA CULTURA POPULAR

O Boi Caprichoso é o Touro Negro Encantado de Dom Sebastião, eternizando o Maranhão com seu bumba meu boi que para nós é raiz, sustentáculo de frondosa brincadeira que se pintou de azul e branco. Triunfo de diásporas que aqui se tornaram cultura dos gente-floresta, por meio de promessa em terreiros a São João e também a Xangô, na resistência fortemente moldada pela subversão da fé imposta aos escravizados e escravizadas. Ele, o Caprichoso, proclama o triunfo de nosso povo com foco nas nossas culturas: culturas plantadas, nascidas e sustentadas no meio da Amazônia Brasileira, magistralmente triunfal no entrelaçar de negros e negras, indígenas, ribeirinhos e ribeirinhas, mestres e mestras da cultura popular local. Que Esú abra os caminhos de vocês. Saravá!

O Boi Caprichoso é o arauto que proclama o triunfo de seu povo por meio da sua cultura plantada, nascida e sustentada no meio da Amazônia brasileira. Somos um povo plural, mas nossa raiz é predominantemente indígena. Dos filhos da terra que plantaram este jardim chamado Amazônia e, pela sua existência, por ela enfrentaram a impiedosa e violenta força da colonização, marcando uma história de dor, resistência e muita luta.

Lutas compartilhadas entre tantos povos que por aqui se aninharam, irmanando-se com africanos, árabes, portugueses, judeus e principalmente nordestinos, paroaras que incorporaram a cultura do brincar de boi no seio da floresta amazônica. O Nordeste que viu seu povo renitente lutando contra os desafios da vida, ora sobreviventes das grandes secas, ora atraídos pela ilusão do fausto da borracha. Dentro das malas e trouxas, as fés nos santos da quadratura junina - em especial São

João Batista - e de entidades de terreiros. Nos folguedos, nas promessas ingeradas em tradições, uma delas se destacava: as raízes transfiguradas em brincadeira de bumba meu boi que aqui se fez boi-bumbá.

No alívio para as dores, o bumbá se tornou o afago das almas batalhadoras. São destas raízes-brincadeiras que cresceram troncos fundamentais de ancestralidade dos nossos antepassados. Raízes fincadas no solo da epistemologia cabocla - termo por nós politicamente ressignificado - dos tantos saberes de artesanaria da palha, do fazer da cerâmica, do retesar do couro do tambor, a construção de muitos artefatos do brincar de boi.

Raízes-mães de cordões umbilicais da seiva amazônica, ligadas a tantas outras mães: das águas ou do gigantesco bicho folharal, montaria da mãe da mata. O culto de amor à floresta ensinado pelos Yanomâmi, da sabedoria de Davi Kopenawa e demais povos indígenas, a protegerem e guardarem nosso solo sagrado, profanado pelo capitalismo disfarçado de progresso em meio à exploração do que a terra guarda em suas profundezas. São por essas e tantas outras raízes de nossas gentes entrelaçadas, entremeadas nas mesmas lutas, que estamos aqui, brincando de boi e triunfando com o Boi Caprichoso.

★
ITEM
17



LENDA AMAZÔNICA

A DONA DA NOITE

“A cultura é uma expressão de várias vozes, guardadas no tempo pela sabedoria que vai se transmitindo de geração a geração”,

assim explica Gilvana Borari, mulher indígena do Conselho de Artes do Boi Caprichoso. Reconhecemos nossa raiz entrelaçada à oralidade dos povos originários.

A cobra grande é um elemento onipresente no imaginário local, raiz de uma cultura intrincada com o meio ambiente, em que ser humano e natureza formam uma unidade. A lenda amazônica é uma história que ilustra a cultura dos povos da Amazônia, inserida no contexto do Boi de Parintins. Nesta primeira noite, ela emoldura nossa ancestralidade por intermédio de uma narrativa indígena, remetendo-nos à raiz do saber dos povos da floresta.

A noite, com suas mil estrelas, símbolo do Boi Caprichoso, durante muito tempo, não existia na terra. Escondida no fundo do rio, ela dormia no Reino da Cobra Grande. Ninguém sabia de sua existência. Naquele tempo, de dias ensolarados, muitos animais ainda não existiam e tudo o mais falava com os seres humanos, como as pedras e as plantas.

Um dia, a filha da Cobra Grande, Inhambu, uma mulher que habitava no rio escuro, abandonou seu reino e foi viver na floresta. Lá, conhecera Tacunha, líder do povo tupi e, com ele, decidiu se casar.

Após o casamento, Tacunha chamou a esposa para a sua rede, mas a Filha da Cobra Grande se recusou e disse que só iria deitar-se com ele caso trouxesse a noite, que Tacunha desconhecia, mas que estaria dentro do caroço de tucumã guardado pela Cobra Grande, a poderosa Boiuna, mãe de Inhambu.

Tacunha atendeu o pedido de sua amada e partiu para o Reino da Serpente. Ao receber o caroço da grande Boiuna, Tacunha retornou para sua aldeia, porém num ato de desobediência, a curiosidade de saber o que tinha dentro do caroço tomou conta dele e de outros guerreiros, fazendo que abrissem o caroço proibido e libertassem o manto escuro da noite.

A escuridão invadiu toda a mata cobrindo rios e árvores: uma gigantesca esfera luminosa, a lua, emergiu no céu ladeada por inúmeras estrelas. Assim, todas as coisas da floresta foram se metamorfoseando – cestos trançados em onças pretas e pintadas, troncos e pedras em pássaros, como o gavião, galo da serra, socó, araras, tucanos, colibris e outros bichos, como camaleões e lagartos, que embelezaram a vida e transfiguraram a raiz cultural de nosso povo.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



A lenda desta primeira noite é de criação e execução do talentosíssimo artista **Roberto Reis**, 45 anos, artista parintinense experiente em pintura, escultura e ferragens, com 25 anos de carreira artística. Iniciou aos 18 anos no Boi Caprichoso, sendo auxiliar de tuxauas, tribo e alegoria, sendo 03 anos como artista de ponta do bumbá. Trabalhou também nas escolas de samba de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo vice-campeão por duas escolas de samba.

★ TOADA

A Dona da Noite

Ademar Azevedo

Tu não! Ousarás mexer no caroço proibido
Tu não! Não profanarás o mistério proibido

Cobra grande, enigmática boiuna!
Cobra grande, enigmática poranga!
Cobra grande, enigmática boiuna!
Cobra grande, enigmática poranga!

(A fera que rasteja serpentária que virá!)
A fera que rasteja serpentária que virá!
(A fera que rasteja serpentária que virá!)
A fera que rasteja serpentária que virá!

A criatura encantada do fundo da grande caverna
Escamas que trazem o medo, desespero
Onde se guarda o segredo
Adormecido nas presas da fera
Tacunha desobedeceu

O manto negro vem cobrindo o céu
Nebulina chegando, o breu te abraçando
Negrume fechando

E do caroço desconhecido Tucum despertando é gênese, mito
A aldeia em pânico, assombro e grito
Se fez a noite!

Transmutação da floresta encantada
Cestos trançados em onças pintadas
Os troncos, as pedras em metamorfose
Em pássaros, seres e feras

Gavião, tucano, araras e colibris
Galos da serra, rastejam camaleões
Caligem da noite esconde o céu
A mística névoa te cobre como um véu

Olhos da noite
O manto da noite
Presas da noite
A lua, as estrelas, os raios lampejam
A criação proibida no olhar

Olhos da noite
O manto da noite
Presas da noite
A lua, as estrelas, os raios lampejam
A criação proibida no olhar



ENCONTRO CERIMONIAL

MUATIRISAWÁ, O RENASCER DE ABYA AYLÁ



Continuando nossos saberes que entrelaçam gentes e lutas, mais um momento de dança cerimonial dos originários da terra se inicia no solo sagrado Caprichoso.

Continuando nossos saberes que entrelaçam gentes e lutas, mais um momento de dança cerimonial dos originários da terra se inicia no solo sagrado Caprichoso. O retorno e a defesa das ancestralidades têm nas mulheres indígenas da Amazônia a sua maior força e expressão. Os tambores rufam, tocam e sibilam; são elas, com tacapes, bordunas, flechas, incensos e pinturas, uma multidão de corpos em um só corpo e espírito, em defesa de seus territórios.

Muatirisawá é palavra de origem indígena que significa união. E é pelo conceito de união que as mátrias ameríndias cantam e dançam. Abya Ayla e Pachamama se unem nas mesmas dores, unindo os continentes de uma ponta a outra para resistir às opressões do colonialismo, do patriarcado e do capitalismo. Cantar e dançar para o sagrado, para que se complete o ciclo de trocas. Pegar algo sem deixar nada no lugar é usurpação. Por isso, nossos povos indígenas, unidos, retribuem todo o afeto de Abya Ayla renascida, entregando seus corpos em movimento para Pachamama se sentir agraciada por vidas felizes que de seu ventre saíram.

Na tradição de lutas, as mulheres se conectam aos deuses e às deusas, em movimentos sincopados e com destreza. Aliás, a Amazônia tem muitas mães, mães-guerreiras, Ceucis e Nhanderequecis, que se reconhecem enquanto povo ao ouvirem o ecoar do tambor. Chega meu povo que a dança começou!, dizem elas. E nossa dança é guerra!. Eis o prenúncio para a chegada de nossas tuxauas.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



Os módulos que conduzem os tuxauas desta noite são de execução do mais novo artista **Eddi Dude**, de 32 anos, possui uma trajetória artística como desenhista, pintor e escultor. Cria da Escola de Arte Irmão Miguel de Pascalle, seu trabalho abrange uma ampla gama de expressões artísticas, desde pintura e escultura até participação em rituais e equipes especializadas. O artista já percorreu diversas cidades, ganhando reconhecimento no Carnaval de São Paulo, onde foi campeão duas vezes pela Mancha Verde.

★
ITEM
15



FIGURA TÍPICA REGIONAL

MESTRES E MESTRAS DA CULTURA POPULAR PARINTINENSE

A linguagem amazônica expressa os saberes e fazeres regionais, em Parintins, por meio da cultura popular do Boi Caprichoso.

São heranças passadas de geração a geração, formas e experiências vividas dos saberes de gentes de tantos lugares. A Figura Típica procura visibilizar tipos humanos da região, uma maneira de reverenciar as especificidades amazônicas.

A Figura Típica Regional presta justo reconhecimento aos Mestres e às Mestras da Cultura Popular local, pessoas de carne e osso parintinenses, gentes cujas trajetórias nos guiam e inspiram. Figuras como Dona Silas Marçal (Siloca), lembrada em Parintins como “a negra de olhos azuis” e conhecida como a mãe das pastorinhas da Ilha; a costureira Ednelza Cid, da família de Roque Cid, eternizada pela confecção de diversas indumentárias de sinhazinha e povos indígenas em seu ateliê, além de ter usado sua própria casa para acolher LGBTQIAPN+ expulsos pelas famílias; o tuxaua histórico e pioneiro, Zeca Xibelão, que dá nome ao nosso curral e que recebeu a alcunha de Xibelão por adorar a iguaria regional chamada xibé – mistura de água e farinha –; o poeta, sambista e um dos maiores músicos brasileiros, Chico da Silva. Todos e todas grîos e griots do povo Caprichoso.

Contudo, há de se prestar primordial reverência a Roque Cid, o pioneiro, foi fundador e primeiro dono do Boi Caprichoso. Além de dono da promessa, artista, Roque Cid era pedreiro. As casas por ele construídas sempre tinham um toque artístico: ele fazia questão de deixar um detalhe do Boi Caprichoso a todos que encomendavam seu ofício. Mesmo que isso lhe retirasse algo do salário recebido como retribuição pelo trabalho, Seo Roque extraía da pecúnia algum valor para presentear algo de seu boi de veludo ao encomendador dos serviços. Enquanto relembramos esta escrita coletiva, muitos de nós estamos com os olhos marejados. Seo Roque era uma pessoa como todos nós, com suas virtudes e defeitos, todavia, não seria prudente deixar de frisar que as primeiras sobrepujavam em muito os segundos.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



A figura típica regional do Boi Caprichoso nesta noite foi construída pela dupla de irmãos do Palmares **Preto e Paulo Pimentel**. Aldenilson Pimentel, conhecido como Preto Pimentel, é um artista de 43 anos de Parintins, especializado em escultura, pintura e decoração. Começou sua trajetória no Boi Caprichoso em 1997 e se tornou professor na escola de artes em 1999. Desde 2017, cria módulos alegóricos e é responsável pela alegoria de figura típica com seu irmão Paulo Pimentel. Ativo no carnaval de Santos com a escola Unidos dos Morros, recentemente tricampeã, ele também venceu o festival de quadrilhas de Faro e o festival de Barreirinha em 2023.

Paulo Pimentel, 43 anos, é um artista que trabalha no Boi Caprichoso desde 1997. Cria da escola de Arte, é especialista em escultura, pintura, cenografia e estruturas, tornou-se artista de ponta em 2018. Trabalhou na Beija Flor no Rio de Janeiro, em São Paulo (Vai-Vai, Tom Maior, Leandro de Itaquera) e Santos (Unidos do Morro), onde ganhou o estandarte de ouro.

★ TOADA

Mestres E Mestras Da Cultura

Arlen Barbosa, Rodrigo Martin e Rodrigo Gadelha

(Lê-lê-lê-lê-lê-lê)

Mestres da cultura do povo
Caboclas e caboclos
Caprichoso vem exaltar o saber popular

Mestres da cultura do povo
Caboclas e caboclos
Caprichoso patrimônio cultural do meu Brasil

Vamos celebrar
Saberes que ultrapassam as
longínquas gerações
Vamos celebrar
O que é forjado no tempo
Um dom da alma cabocla
Vamos celebrar

É o saber que repassa na
ensinância
As suas belas criações
Expressões da terra
Mestres da ciência do povo

O trançar no bordado
De Dona Marita com suas fitas
Vamos festejar
Seu Máriozinho retesando o couro do tambor
Vamos festejar
No modelar dos tachos de uma ceramista

Amor, detalhes com ternura de uma tecedura

Brinquedos e costuras
Bordados tão bonitos
Do povo Caprichoso

Dádiva da vida
Que expressa sentimentos
Patrimônio cultural do meu Brasil

Nas linhas e rendas de Ednelza Cid
Inebriantes coloridos
Pastoris de Dona Siloca

Nas toadas de Chico da Silva
(Caprichoso grandioso meu amor brincando vem)
No bailado de Xibelão (oh, hey)
Esculpindo o meu Boi Caprichoso
Mestre Marquinho
Faz no céu a evolução!
(Gira meu boi)

Mestres da cultura do povo
Caboclas e caboclos
Caprichoso vem exaltar o saber popular
Mestres da cultura do povo
Caboclos e caboclos
Caprichoso patrimônio cultural do meu Brasil



MOMENTO COREOGRÁFICO

BICHO FOLHARAL, O ESPÍRITO DA LUTA DOS POVOS-FLORESTA

“Os entes são nossos exemplos e são eles que nos orientam e nos ensinam”, diz Ira Maragua, tuxaua do Boi Caprichoso.

Os personagens dos mitos são os seres sobrenaturais e a Amazônia é o território sagrado onde ainda existe unidade entre o pensamento e a vida, o imaginário e o fazer diário, o sonho e a realidade. O Bicho Folharal é um dos representantes das entidades encantadas que guardam a Amazônia, raiz da luta pelo território que herdamos de nossas matrizes indígenas. Aliás, uma raiz que fortemente adentra o solo e dele se nutre: aprendemos com as culturas dos gentes-floresta a sermos nós também vários “Bichos Folharais”, guerreando sem parar contra toda ganância predatória que sobre nosso solo, regado de cuidado por nosso povo, possa se abater pelo Capital que não vê nada além do lucro. Antes de entrar na floresta, peça licença!

O Bicho Folharal é um dos seres mais fantásticos do imaginário popular da Amazônia. Em todas as suas representações, costuma ser uma entidade protetora que afugenta os invasores e destruidores dos rios e das florestas. Seu corpo é coberto de folhas e galhos, suas pernas são troncos e cipós, seus olhos lampejam luzes fumegantes que assustam e cegam os gananciosos inimigos da floresta. Camuflado, ele se aproxima sem ser notado e pune severamente madeireiros, garimpeiros e quaisquer outros que ousem retirar da floresta mais do que o necessário para sobreviver.

Camuflados em folhas, bichos e mimetismos outros, vamos, cada um a seu modo, tentando unir forças com o guardião do nosso hábitat, obviamente, tendo em vista que opressões estruturais só podem ser efetivamente combatidas por respostas coletivas. Contemplem mais um momento de cênica, coreografia e módulo alegórico tecido pelos caprichosos corpos do boi azul e branco.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



O módulo do Bicho Folharal foi executados pelos renomados artistas Caprichoso **Nildo Costa** e **Zico Almeida**. Nildo Souza Costa (Naruna), 42 anos, tem uma carreira artística desde 1993, com destaque no Boi-Bumbá desde os 11 anos. Especializado em escultura, pintura, ferragens e movimentação, seu trabalho ganhou notoriedade em escolas de samba do Rio, como Viradouro, Unidos de Padre Miguel e Imperatriz. Reconhecido com prêmios, incluindo o estandarte de ouro da Viradouro por sua inovação em movimentação robótica.

Zico Almeida, um artista parintinense com 50 anos de idade e 20 anos de experiência no Boi Caprichoso, iniciou como desenhista e evoluiu para pintura, arte plástica e, finalmente, escultura. Estudou anatomia na Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale. Atualmente, destaca-se como artista de alegoria e módulos no Caprichoso.

★
ITEM
04



RITUAL INDÍGENA

RITO DE TRANSCENDÊNCIA YANOMAMI:
MOTHOKARI, A FÚRIA DO SOL

Em sua estada em Parintins, a convite do Boi Caprichoso, Davi Kopenawa Yanomami nos contou que recebeu o nome “Kopenawa” em referência à bravura do espírito da “vespa” que o acompanha em suas viagens ritualísticas.

Com sua voz rouca, o guardião da floresta nos ensinou que, ao inalar a yãkoana, a sua alma deixou o corpo e, pela primeira vez, voou ao peito do céu onde contemplou as faces iluminadas dos Xapiris e pôde ver o que acontecerá com o futuro do seu povo e da sua amada Hutukara, se a ação predatória da floresta não for contida. Esse relato está contido também na obra *A queda do céu*, escrita em parceria com o etnólogo francês Bruce Albert.

Na leitura artística do Festival de Parintins, recriaremos, na criatividade dos artistas do Boi Caprichoso, o ritual de transcendência Yanomami, em que o pajé, por meio do xamanismo de cantos, danças e o inalar do paricá, lutará contra a fera de fogo Mothokari. O ser Sol desce

do céu, libertado pela fragilidade de sua casca que a cada dia aumenta, em consequência das atividades do garimpo, derrubada de árvores, da mineração desenfreada e outras tantas profanações que acometem a terra. Mothokari se aproxima de Hutukara para devorar os humanos, deixados, por seu calor, cansados e doentes, como o próprio David Kopenawa nos ensina em ímpar figura de linguagem: “como se fossem macacos moqueados”.

O pajé, unido de outros Xamãs, incorpora o espírito de vespa para juntos travarem a grande batalha, aplacando a fúria de Mothokari que se apazigua diminuindo um pouco mais do calor que assola todo o nosso planeta.

ARTISTA DA ALEGORIA



A construção do nosso ritual foi conduzido e executado pelo primoroso artista **Alges Ferreira**, 44 anos, é um artista parintinense com 30 anos de carreira, sendo 28 dedicados ao Boi Caprichoso. Destaca-se em pintura, escultura, ferragem e movimento. Iniciou no Boi Caprichoso aos 13 anos em 1995 e é artista de ponta há 8 anos. Trabalhou nas escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo, atualmente atuando na Imperatriz e Mangueira. Em 2023, foi premiado como melhor escultor do Rio pela Imperatriz.

TOADA

Mothokari

Ronaldo Barbosa Júnior e Ronaldo Barbosa

(Ôô, hey, huya)
(Hô-hô-hê, aê, hô-hô-hê, aê)
(Hô-hô-hê, aê, êêê hey)
(Hô-hô-hê, aê, hô-hô-hê, aê)
(Hô-hô-hê, aê)

Os tambores vão tocar na aldeia
Pra fazer levantar poeira
Oê-oê-oê - aê-aê-aê
Meu povo! Mothokari vem do Sol!

Os filhos de Omama!
Hê ara hey, Yanomami hê ara hey
Yoasi profana, na roda de fogo dança
Dança, dança!

Hê ara hey, Yanomami hê ara hey
Mothokari rugiu (ha, ha, ha) e o sabedor ouviu
Zumbiu em voo, voa vespa!
(owá, owá, owá)

Kopenawa caminha na luz de Yãkoana
Centenas de milhas, de línguas estranhas
O mundo dispersa, o egóico prospera
Oh xamã, por Hutakara luta!

A besta observa, se enerva, despertará!
Vem calar a floresta e as vozes

da terra, ah
Trazer o fim de tudo!

Hê ara hey, Yanomami hê ara hey
Yoasi profana, na roda de fogo dança
Dança, dança!

Hê ara hey, Yanomami hê ara hey
Mothokari rugiu e o sabedor ouviu
As palmas para o ritual!

Ora xamã cantai
Ora xamã dança!
Vem meu pajé trazer
O azul de volta para a aldeia

Os tambores vão tocar na aldeia
Pra fazer levantar poeira
Oê-oê-oê, aê-aê-aê
Meu povo! Afasta as chamas do Sol
Vem pajé, dança! Ôê-ô, ô-ô, ê-ô
Dança! Ôê-ô-ô, aê-aê
Ô-ê, ô-ê-ô, o pajé vem dançar

Os tambores vão tocar na aldeia
Pra fazer levantar poeira
Oê-oê-oê, aê-aê-aê
Meu povo! Mothokari vem do Sol!

— acordo de cooperação —

Ministério do Turismo

Sesc | Senac

Coca-Cola[®]

Brasil



TRADIÇÕES: O FLAMEJAR DA RESISTÊNCIA POPULAR

PRA SER DO POVO, DA CRIANÇA QUE NASCE EM CADA UM DE NÓS...

Na noite em que a “tradição” é o fio condutor da nossa narrativa, pedimos licença para falar daquilo que cultivamos com todo o cuidado: as tradições que dão vida ao Boi Caprichoso. Tradições que não se vestem de pretensões de se manterem estanques, e sim aquelas que são experimentadas, revividas, (res)significadas diariamente no cotidiano do nosso povo, do nosso torcedor, renascendo em cada Festival.

Fomos forjados nas raízes entrelaçadas entre gentes e lutas. A partir daí, a nossa história de povo foi trilhada no caminho da resistência. Resistência que carregamos na tradição do Boi Caprichoso, uma tocha viva, que flameja no triunfo da nossa cultura.

No coração da Amazônia, herdamos um legado dos povos originários que resistem ao desenfreado, perene e continuado projeto de roubo e apropriação de nossas terras e águas. Foi dos povos da floresta que herdamos também a pesca amazônica, modo de vida com as águas que nos permite retirar nosso alimento, compreendendo os limites de nossas “coletas”, um ensinamento compartilhado entre os muitos povos da região. Foi na tradição da pesca que o Boi Caprichoso foi acolhido desde seus primeiros donos até sexto deles, Seo Luiz Gonzaga que, com muitos amigos, manteve por muitos anos o Boi apenas com o sustento vindo da venda de seu pescado. Seo Luiz era devoto de São Pedro louvado neste dia, 29 de junho. O mesmo bozinho criado por Roque Cid como promessa a São João brincou em vários lugares da ilha, mas um em especial: o Urubuzal da Francesa. Um território por muito tempo violentado pelo racismo.

No decorrer deste segundo ato, caminharemos pelas velas de nossas tradições flamejantes. Entoaremos os tambores de resistência da Marujada de Guerra. Tambores que seguem bumbando a africanidade silenciada por muitos anos neste Festival. Todavia, graças ao grito ritmado do Boi Caprichoso, tem se mantido forte e presente na última década.

Lembraremos, no decorrer da apresentação, vários momentos emocionantes dos nossos mais de cem anos de existência. De pescadores que retiravam das águas os melhores peixes para negociarem com as elites econômicas da época, trocas necessárias para colocar o boi nas ruas. Tradições que passaram de pais para filhos. Tradições do Caprichoso na defesa dos povos indígenas, como de originários da terra que habitam a região do Vale do Javari, resistindo a culturas e imposições gananciosas estrangeiras que custaram a vida de pessoas valorosas como Dom e Bruno.

Tradições regadas a lágrimas de cansaço e de amor. Tradições dos Parintintin, de histórias cabanas que até hoje habitam nosso modo de ver o mundo – Parintins e Maués foram os últimos redutos da maior revolução brasileira. Tradição de curadores e curadoras sacacas, capazes de visitar encantos do fundo dos rios para trazer a cura a quem dela necessitar. Tradição de tornar arte ritos indígenas, como o do grande Vimi Peya Marubo, que trouxe a maloca de falanges de jacarés para proteção do mundo.

Tradição de olhar para o futuro e perguntar: quanto tempo nos resta? Qual o melhor modo de cuidar da nossa casa comunal, da grande aldeia que é nossa Terra? Como conscientizar o mundo de que as emergências climáticas, de que o aquecimento global já são realidades? Tudo isto sem perder as esperanças, tendo em vista que é isto que o capitalismo espera de nós. Continuamos aqui, unidos ao nosso folguedo, em meio a tradições que com o tempo incorporaram novas formas de brincar para resistir e continuar: o flamejar de cultura que não se apaga na alma do povo de Parintins. Caminhos trançados pela esteira do tempo, o Boi-Bumbá Caprichoso convida, senhoras e senhores juradas e jurados, a navegar neste banzeiro extenso de mudanças do nosso Boi Negro de Parintins. Brincar de boi é mergulhar no encontro das águas de memórias e lembranças de um lindo e popular brinquedo de pano.

★
ITEM
15



FIGURA TÍPICA REGIONAL

O PESCADOR DA AMAZÔNIA

O pescador da Amazônia herda a tradição do ofício de um parente mais velho e experiente na profissão, como se fosse parte de um rito de iniciação.

Um avô, pai ou irmão mais velho tem a missão de passar para o mais jovem e inexperiente membro da família os fundamentos essenciais que irão orientá-lo no uso das ferramentas da lida, assim como a habilidade de ler e interpretar o labirinto de águas pelos quais terá que navegar. Na noite da tradição, não haveria melhor forma de homenagear nossa memória, pois, como visto até aqui, muitos pescadores fizeram parte do cuidado para com o Boi Caprichoso, garantindo-o com amor e carinho.

Esse destemido guardião da sabedoria ancestral compartilha a atenção com os sinais da natureza: nem sempre navega em águas tranquilas, contudo, arrisca-se para obter o seu sustento. Trata-se de um trabalho em geral feito sozinho, mas não de forma solitária. O pescador desfruta da relação íntima com a natureza, contemplando a beleza e a exuberância, em que mata e água se completam em universo simbólico e misterioso. Como um artista que escreve sua arte, o

pescador utiliza-se do caniço a cada isca lançada, armando a tarrafa e equilibrando-se de modo perfeito e estratégico para esticar a rede. Tem por fundo a música da correnteza das águas, as quais admira em sua paleta de cores misteriosas. Na canoa, as árvores são testemunhas das remadas, observando se o pescador não retira mais do que precisa, respeitando piracemas, os peixes pequenos ou aqueles que estão em período de desova.

O guardião das águas também carrega outros talentos, outras heranças que se juntam às tradições de mestres pescadores como Luiz Gonzaga, Pamim e Zé Caiá - exímios na arte de usar espinhel e zagaia, entre a criação de uma toada e o recolhimento do tambaqui, cançando versos e rimas – no observar das estrelas das noites enluaradas, endeusavam o Boi Caprichoso, inspiração para o triunfo de um Bumbá que recriou memórias sob a luz azul celeste.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



A figura típica regional do pescador é uma obra primorosa dos artistas **Márcio Gonçalves** e **Marlúcio Pereira**. Márcio Gonçalves é um artista dedicado ao Boi Caprichoso há 22 anos. Descobriu seu dom artístico aos 16 anos e começou sua trajetória confeccionando fantasias e, com o tempo, migrou para o setor de alegorias. Márcio conta ainda com trabalhos carnaval paulistano, tendo assinado para escolas como Mocidade Alegre, Dragões da Real e Águia de Ouro. Atualmente, ele desenvolve trabalhos para a Gaviões da Fiel.

Marlúcio Pereira, 46 anos, iniciou sua carreira artística em 2000 como soldador no Boi Caprichoso. Depois, atuou em escolas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo, contribuindo para o título da Águia de Ouro no carnaval paulistano em 2012. Nos últimos quatro anos, trabalhou na Gaviões da Fiel. Atualmente, é um artista de ponta no Boi Caprichoso.

★ TOADA

No Capricho da Remada

Moisés Colares, Raurison Nascimento e Thiago Reis

No chap, chap do banheiro
Vai remando o pescador
Tô na canoa, eu vou pra ilha meu amor
(cuidado com o banheiro do motor)

É na canoa no balanço do banheiro
É na puxada do remo a remar
Luiz Gonzaga, Santarém e Zé Caiá
Convidaram o mundo inteiro
Pra brincar de boi bumbá

É festa de boi na ilha
Parintins é a magia da cultura popular
Sou caprichoso marujeiro, pescador
Naveguei o dia inteiro
Pra brincar com o meu amor

No sobe e desce do rio
Todo dia é um novo desafio
A canoa vem cheia tem mesa farta
Sardinha frita, pacu na brasa
Caldo de tuunaré
Apressa mulher curumim tá brocado

Tambaqui, jaraquí no xibé
Amassa a pimenta tem bodó assado

Com o terço nas mãos
De joelhos ao chão
Sob a luz da poronga
Eu rogo a são pedro
Que meu rio não seque não

Me proteja meu santo desse boto malino
Levando os peixes da malhadeira
No canto da iara a noite inteira
Querendo me conquistar

Não sei, não sei, não sei não
Se é verdade ou invenção
Histórias de pescador
Mas acredite sim senhor

No chap, chap do banheiro
Vai remando o pescador
Tô na canoa, eu vou pra ilha meu amor
(cuidado com o banheiro do motor)

★
ITEM
17



LENDA AMAZÔNICA

O ENGERAMENTO DE CHICO PATUÁ, UM HERÓI DA
RESISTÊNCIA POPULAR

“Até hoje, quando nós passamos pela frente de certas comunidades ribeirinhas, muitos correm para dentro de suas casas com medo. São lembranças da violência das milícias legalistas da época da Cabanagem.”

Prof. Dra. Iolete Ribeiro, pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas

Neste momento, iremos narrar o fruto da memória dos remanescentes do maior levante popular brasileiro, ocorrido na região do Grão-Pará, no Período Regencial: a Cabanagem.

Os antigos contam que entre as forças rebeldes, formadas majoritariamente por negros, indígenas, mestiços e demais camadas empobrecidas da população, surgiram muitos heróis representantes do levante popular, os quais, juntos de companheiros de luta, resistiram às forças legalistas e escreveram suas histórias para sempre nas memórias das pessoas, especialmente as elites econômicas brasileiras que passaram a temer outras revoltas nos moldes cabanos. Assim é a história de Chico Patuá, um herói do povo protegido pelo sagrado patuá, um amuleto herdado de sua avó indígena. Descendente de pessoas escravizadas, criado sem saber quem era o seu pai e após passar por muitos infortúnios, Chico teve seu corpo fechado ainda criança. Com a morte da mãe, foi criado pela avó, que a ele ensinou o segredo das ervas e modos de obter domínio sobre as forças e entes da natureza. Durante a Revolução, Chico liderou um grupo para permanecerem na luta

pela liberdade.

Camuflado pela escuridão da noite, Chico despistava seu antagonista, o impiedoso Dom Rodrigo, figura controversa que serviu aos interesses dos legalistas, os quais não hesitaram em perdoar seus crimes, desde que o vilão trouxesse o lendário Chico Patuá para ser exemplarmente punido.

Enquanto isso, temido por uns e venerado por outros tantos que se alimentavam e se inspiravam com as suas conquistas que eram contadas ao longo dos beiradões de rio, o lendário Chico Patuá crescia e se fortalecia.

Mas qual era o segredo de Chico Patuá para resistir a tudo isso? O amuleto protegia o corpo do herói que seguia sua empreitada, que se engravava em bicho durante os combates e conseguia aliados entre os encantados da floresta. Chico poderia virar pássaro negro, onça, sucuri, morcego, aparecendo em um canto e reaparecendo em outro.

O movimento cabano pereceu, mas Chico Patuá não. Seu último segredo, após derrotar o assassino Dom Rodrigo, foi sumir na derradeira batalha junto de sua companheira. Hoje nos perguntamos: para onde foi o temido Chico Patuá? Sumiu nas águas escuras do rio? Incorporou-se em Andirá para nunca mais voltar?

Somente de uma coisa temos certeza: o seu legado permanece vivo na tradição do povo da Amazônia.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



A lenda amazônica desta noite foi construída pelo grande artista **Geremias Pantoja**, conhecido como Gereca Pantoja, 40 anos, é um artista parintinense com 24 anos de carreira. Destaca-se como artista plástico, desenhista, pintor, escultor, cenógrafo e projetista. Iniciou no Boi Caprichoso aos 16 anos e tornou-se artista de ponta em 2018. Atualmente, trabalha em lendas amazônicas e no carnaval de São Paulo pela escola Dragões da Real.

★ TOADA

Engeramento

Adriano Aguiar, Waltinho Oliva e Charles Silva

Da corte vem!
De todos o mais cruel
Sanguinário, espada, corcel
Em busca do mais procurado
Rebelle cabano, indomável
Lendário! Lendário! Lendário!
Lendário! Lendário! Lendário!

Tocaias, carabinas, emboscadas
Armadilhas, ciladas escapavas
Tiros no teu corpo não pegava
Sumia na neblina da floresta
“Chacinada” que o luso temia
Na floresta
“Chacinada” que o luso temia

Desaparece e aparece
Corpo fechado
Os guias ao teu lado
Na antiga magia, feitiçaria
Chico engerado!

Voa! No breu da noite
Chico é pássaro negro
Na espreita! Cachorro do mato
É bote é onça preta
Rasteja! Sucuri, jacaré
Rebojo sombrio, Chico sumiu!
Correu nas sombras, pulou
no rio!
Pulou no rio! Pulou no rio!
É fogo! É luta!
Contra a milícia legalista
É fogo! É luta!
Patuás e carabinas

É fogo! É luta!
Contra a milícia legalista
É fogo! É luta!
Patuás e carabinas

Dono dos caminhos
Caçador que vem das matas
Cavaleiro das armas
Protegido em todas as batalhas
Amazônia das encantarias
Herança de um povo guerreiro
Avança a visagem dos contos
A resistência!
“Capturem-no!”

É mito, é metamorfo
É lenda, é espírito
Animal encantado
Chico engerado em bicho

É mito, é metamorfo
É lenda, é espírito
Animal encantado
Chico engerado em bicho

Engeramento, engeramento em bicho
É fera, criatura é homem animalítico
Engeramento, engeramento em bicho
É fera, criatura que vaga na neblina da floresta

★
ITEM
04



RITUAL INDÍGENA

RITO DE TRANSCENDÊNCIA MARUBO

O povo indígena Marubo reside ao sudoeste do Amazonas, no alto curso dos rios Curuçá e Ituí, na Terra Indígena Vale do Javari.

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA, on-line), os Marubo possuem uma cosmogonia complexa: acreditam que o cosmos é formado por várias camadas celestiais e a origem de todas as coisas está nas formas da natureza. As narrativas dessa ritualística cosmogonia Marubo são feitas de forma cantada pelo Romeyá ou Xamã.

Devido à quantidade de detalhes, estes cânticos são ensinados para as crianças desde cedo. É na oralidade que se encontram os fundamentos do nosso ritual, a viagem cósmica do herói mítico Vimi Peya. O velho Romeyá aspirou rapé, tomou ayahuasca e cantou os iniki. Vimi Peya adquiriu todo o conhecimento Marubo em sua viagem ao mundo das águas. Encantado por duas mulheres-peixe Machin Mashe e Machin

Rani que o levaram para o seu mundo tornando-se suas esposas, desta forma, permaneceu no fundo do rio aprendendo os segredos dos kenes das águas.

Em noite de escuridão, o grande Vimi Peya, xamã Marubo, chamado pelas águas e sacralizado pelo ayahuasca, teve o corpo transformado em gigantesco animal nas margens do rio, para nele imergir e ressurgir como sacaca. Em suas visões transcendentais, rasteja com os bichos e vê revelado o segredo da maloca profunda. Cabe a ele trazer do fundo essa aldeia erguida, por ser a morada dos espíritos, com suas falanges de jacarés regendo a transmutação humana. Desnudem o ritual pelo olhar transcendente do grande Vimy Peia, o pajé Marubo.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



O ousado ritual apresentado nesta noite é uma obra do artista **Kennedy Prata**, 38 anos, é um artista experiente com raízes na arte desde a infância. Com 21 anos no Boi Caprichoso, ele também é um nome conhecido no carnaval do Rio, especialmente na Beija Flor, já conquistou 4 prêmios. Kennedy domina a escultura e pintura, e seu currículo inclui trabalhos em escolas de samba como Salgueiro, Imperatriz e Tijuca.

★ TOADA

Mística Marubo

Geovane Bastos e Ligiane Gaspar.

Sinta o chamado das águas
Sinta o murmúrio rio
Ôôô, ô-ô-ô

(Venha ser um de nós) 3x

Ôôôôô
Vime peya!

Trocanos trovões
(trocanos trovões)
Trocanos trovões te chamam! 2x

Os olhos da noite vagueiam
As tochas de fogo incendeiam
Na escuridão além da visão
Na transcendência do grande
xamã

Raacê Raacê Romeya

Transcendente trovoada veio
me chamar
Ayahuasca alucinante eleva
meu olhar
Na minha visão, transmutação
No mundo das águas o pajé vai
revelar

Rastejar com os espíritos
Rumo ao desconhecido
O criador e as criaturas
Na encruzilhada obscura do rio

É Yora Shakárao
(É Yora Shakárao)

Meu corpo será transformado
Em gigantesco animal

Nas margens do rio Curuçá
O grande pajé vai dançar
O segredo do fundo do rio
A maloca profunda emergiu
Uôô, ô-ô-ô-ô

Pajelança vem das águas
(Pajelança vem das águas)
Pajelança vem das águas

Falange de homens jacaré 2x

Shovo Shaká Kapê
Shovo Shaká Kapê
Shovo jacaré
É morada dos espíritos 4x

(Falange de jacaré) 4x

Rastejar com os espíritos
Rumo ao desconhecido
O criador e as criaturas
Na encruzilhada obscura do rio

É Yora Shakárao
(É Yora Shakárao)

Meu corpo será transformado
Em gigantesco animal

Nas margens do rio Curuçá
O grande pajé vai dançar
O segredo do fundo do rio
A maloca profunda emergiu
Uôô, ô-ô-ô-ô

Pajelança vem das águas
(Pajelança vem das águas)
Pajelança vem das águas

Falange de homens jacaré 2x

Shovo Shaká Kapê
Shovo Shaká Kapê
Shovo jacaré
É morada dos espíritos 4x

Uôô, ô-ô, falange de jacaré!

Não existe energia mais potente do que a cultura.



O Brasil é diverso e inspirador. Cada pedaço dele gera um ritmo, um sabor, uma cor. Tudo nessa terra emociona e cada pedacinho dela é grandioso. É por isso que a Petrobras é uma das maiores patrocinadoras da cultura brasileira e do Festival de Parintins. Sabemos o valor das nossas plurais identidades, em diferentes expressões e em cada região do país. E mostrar essa riqueza para o Brasil inteiro ver é bom para todo mundo.

Programa Petrobras Cultural. A cultura também é a nossa energia.



Ministério da Cultura e Bradesco
apresentam:

57º FESTIVAL DE
PARINTINS
2024

**Juntos
pela
cultura**



bradesco



Lei de
Incentivo
à Cultura
(LIn)



Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



SABERES: O REFLORESTAR DAS CONSCIÊNCIAS

O CAPRICHOSO RENASCE EM CADA CONHECIMENTO ANCESTRAL!

A história de vida de nossos ancestrais, como o pensador Ailton Krenak, convoca-nos a ocupar lugares de escuta e de aprendizagem. O Boi Caprichoso torna-se, hoje, escoadouro de vozes da ancestralidade em diversas expressões de saberes. Saberes milenares. Nascidos em aldeias. Protegidos por mocambos. Navegantes em canoas, rabetas e barcos, por nossos ribeirinhos e ribeirinhas. De gente minorizada que semeou conhecimentos e, em metáfora popular, louva em procissões, reflorestando consciências. Reflorestar aprendido na necessidade de manter de pé nosso verde!

Nascidas de raízes antigas, resistentes na tradição da nossa terra, crescemos como uma grande samaumeira, frondosas tais quais as sapopemas, de tronco forte e de sementes voadoras, painas que - espalhadas ao vento - procriam outras e outras árvores. Assim foi a arte do Boi Caprichoso, que até hoje espalha sua mensagem ao mundo, pelo saber de seu povo, um triunfo na floresta.

São muitos saberes do Povo Caprichoso, heranças de muitos ancestrais, conhecimentos de vários povos, mescla de dores e amores, experiências com o sagrado território. São consciências paridas por nossas gentes. A arte moldada no saber popular de gente simples, como pescadores e costureiras, rompeu as fronteiras da ilha, nas asas da toada. Na dança dos corpos-brincantes, ecoam-se ao mundo nossos anseios, sonhos e desejos de revolução. Revolução de negros, mulheres, indígenas, LGBTQIAPN+, quilombolas, ribeirinhos, irmanados na maior luta de todas: a luta pela Mãe Terra.

Na derradeira noite, teremos hoje um canto-manifesto, que clama pela vida e pela sobrevivência da floresta.

Somos amazônidas e nosso boi-brinquedo é o herói da ancestralidade que canta para salvar a vida e leva em sua brincadeira algumas inconvenientes – e necessárias – perguntas. Quanto tempo resta? Quantas vidas estão em risco? Quantas árvores, bichos e seres ainda perecerão? É hora de um

despertar pelo reflorestar das consciências.

É hora de evocar e compartilhar os saberes que gritam a emergência por mudança, para que nós, povos da floresta, possamos caminhar com os dias futuros sem os cataclismos das tantas profecias como o dos Macurap.

É hora de evocar as consciências ensinadas pelos povos originários que nos educam que nossa terra é nosso corpo e espírito.

Ensinanças de antigos sacacas que curam as dores pelo poder da floresta e pelos conhecimentos ancestrais que nos ligam a todos os outros seres, como as árvores, plantas, cipós, águas, breus, óleos e essências.

Saberes que, nos sacrifícios Awá Guajá, tonam-se alimentos e oferendas para a continuidade da vida. Assim, nossa cultura nos ensina, e ensina tantos outros brincantes, ouvintes e visitantes a compreender a vida, respeitando a terra tão sagrada para nós, um triunfo para um povo que fez do seu boi-brinquedo sua arma de mudança social.

Viva o Boi Caprichoso – O Triunfo da Cultura Popular!

★
ITEM
17



LENDA AMAZÔNICA

DO CATACLISMO MACURAP AO REFLORESTAR DA VIDA

O narrador indígena Buraini Andere Macurap nos conta sobre o cataclismo criado pelos irmãos Nambuê e Beüd, do Povo Macurap.

Em noite de lua, o xamã Macurap previu em seu transe que uma gigantesca alagação aconteceria: era Beüd que desceria dos céus ladeado por borboletas negras, trazendo muitas chuvas. Na pajelança, o xamã foi alertado por Nambuê que ainda existiria uma esperança para seu povo. Nambuê avisou que se deveria pegar um curumim e uma cunhantã, animais de todas as espécies e sementes de todas as árvores e frutas, juntar tudo e colocar dentro do oco da maior samaumeira de todas, aquela nascida no cimo da colina. Assim foi feito. Após o transe, o xamã e seu povo recolheram as crianças, bichos e sementes, colocando dentro da grande samaumeira. A árvore foi fechada com cera de abelha e logo foram ouvidos os primeiros trovões que anunciavam a dolorosa

alagação. Muitos dias difíceis se passaram. Quando não mais se ouvia barulho do lado de fora da samaumeira, eclodiu o grasnar de uma arara: era o canto da arara juba e sua plumária amarela, anunciando dias melhores a caminho. O curumim e a cunhantã saíram da grande samaumeira libertando todos os animais e replantando um jardim de esperança e de uma nova consciência para a vida. A terra-vida torna-se plena, verdadeira, equilibrada, perfeita. É batizada pelos Macurap de Kaleá. Os Macurap, por meio da narrativa aqui desenvolvida, alertam que Kaleá precisa ser cuidada constantemente. Infelizmente, hoje ela está de novo adoecida pela ganância humana.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



A lenda amazônica desta noite foi confeccionada pelo talentoso artista **Alex Salvador**, 33 anos, é um artista parintinense com 15 anos de experiência no Galpão do Boi Caprichoso. Iniciou aos 14 anos na Escola de Arte. Em 2018, assumiu como artista de ponta. Trabalhou em escolas de samba como Portela, Mocidade, Grande Rio, Beija-Flor, Tijuca e Vila Isabel, ganhando prêmios como melhor escultor e inovação. Destaca-se em escultura e pintura.

★ TOADA

Alagação

Ronaldo Barbosa e Ronaldo Barbosa Júnior

Um jarro de águas (derrame sobre mim)
Um poço de águas (sedento como a vi)
Um lago de águas (oculto pelo Sol)
Um mundo de águas

Na contradança, é chuva, ô, ô, ô
Na pajelança é chuva, ô, ô, ô

Ó, curumim! (ô-ô-ô) Ó,
cunhantã! (ô-ô-ô)
Os dias de tempeste serão difíceis

Aj está: a arca, o tronco
Aí está: O virar da profecia (aê, aê, aê, aê)
Nuvem sombria, Nambuê revelou por fim

Todos de pé,
A canícula de agosto findada,
A vingança de Beüd anunciada,
Contra essa gente decaída, o alerta do pajé...
Sem cantos ou danças, sem cura
Os povos varridos pro seu mergulho final

Apocalíptico, efêmero!
Apocalíptico, efêmero!

Borboletas negras, dardejantes de horror
O sufoco, a agonia, o terror
Um terço de águas (ô, uô, ô-ô)

O grito das águas (ô, uô, ô-ô)
Ouve o verso das águas, nas águas
O último poço das almas

Um terço de águas (ô, uô, ô-ô)
O grito das águas (ô, uô, ô-ô)
Borboletas negras, dardejantes de horror.

O sufoco, a agonia, o terror
Entrem filhos meus, aqui se escondem

No oco, o tesouro boia ao longe
Um dia a mais e o Sol voltará a triunfar!
A triunfar, a triunfar!

Na contradança é chuva, ô, ô, ô
Na pajelança é chuva, ô, ô, ô

Na contradança vem que é chuva, ô, ô, ô
Na pajelança é chuva, ô, ô, ô

Na contradança é chuva, ô, ô, ô
Na pajelança é chuva, ô, ô, ô

Na contradança vem que é chuva, ô, ô, ô
Na pajelança é chuva, ô, ô, ô - ô, ô, ô

Kaleá!

★
ITEM
15



FIGURA TÍPICA REGIONAL

SACACAS, CURADORES/AS DA FLORESTA

Figura da sociodiversidade amazônica que tem nos conhecimentos dos pajés e pajeranas, dos antigos griôs libertos e das crenças cristãs populares o amálgama da sabedoria sobre saúde e doença, o/a sacaca possui mistérios e dons sobrenaturais que transcendem os limites da ciência tradicional.

O profundo operar do poder milagroso das ervas medicinais, a cura das doenças do corpo e da alma, a íntima ligação entre os mistérios do mundo terreno e do mundo metafísico, são dons natos do/a caboclo/a curador/a. É comum encontrarem-se filas nos locais de atendimento, onde serão recomendados remédios para a dor que incomoda o corpo, para a desmentidura que retorce as mãos ou a oração certa para livrar o curumim do quebranto que olho riscou.

Tais conhecimentos, misturando fé, saberes e curas, atrelam ao/à curador/a epítetos como

seres de luz, médicos da floresta, anjos a serviço da vida. O/A sacaca é fundamental em nossa região - especialmente nas comunidades mais isoladas dos meios urbanos – possuidor/a de um saber próprio, o que lhe dá status de respeitabilidade entre o povo. Parintins produziu grandes sacacas, como Mestre Waldir Viana, dona Yayá e outros/as que preferem o anonimato, espriados/as pelos rincões da ilha.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



A figura típica regional foi construída pelos grandes artistas **Makoy Cardoso** e **Nei Meireles**. Nei Meireles, 46 anos, especializado em robótica e adereços para eventos artísticos. Começou sua carreira no Boi Caprichoso em 1993, aos 16 anos, como soldador, e se destacou como artista de ponta em 2014. Além disso, tem uma longa trajetória de 26 anos nas escolas de samba de São Paulo, tendo sido bicampeão com a Império de Casa Verde e campeão com a Dragões da Real. Atualmente, é o diretor de alegoria da Império de Casa Verde, onde é responsável pela parte alegórica, robótica, escultura e pintura.

Makoy Cardoso 44 anos, sendo 31 anos de experiência em artes cênicas. Ele é conhecido por suas habilidades como figurinista, alegorista, tecelão e cenógrafo. Ao longo de sua carreira, criou mais de 60 itens individuais no Boi Caprichoso. Contribuiu em escolas de samba como Mocidade Alegre, Águia de Ouro, Rosas de Ouro, Grande Rio e Viradouro. Além disso, representou o Brasil no Mundial de Danças Folclóricas na Coreia do Sul, onde foi declarado campeão mundial.

★ TOADA

Sacacas – Curadores da Floresta

Elton Junior / Yomarley Holanda / Lenart Mustaffa

(Heya, ha-ha-ha-ha-hey) (Heya-heya, heya-heya) (Heya-heya, ha-ha-ha-ha-hey)	É a força que vem da floresta
Canta o grande Painí (hey, ah-hey) Sacaca, caboclo, Ipají (hey, ah-hey) 2x	(Heyra, heyra, heyra, lauê) (Hey, hey, hey!)
Das matas vem, das ervas vem Das benzições, das curas ela vem Vem das unções, defumações Das rezas, dos sopros, das mil pajelanças	(Heyra, heyra, heyra, lauê) (Hey, hey, hey!)
(Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê) (Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê)	Bate folha, defuma o terreno A casa, a aldeia, o festejo Cachimbo, tauará, tabaco e paricá
Das feras vem, das aves vem Das profundezas, dos sonhos ele vem Das orações, conclamações Dos ritos, das lutas, dos cantos, das danças Arquibancada canta!	Vem dançar! Vem rodar! Vem descer! Vem cantar que o bem vai vencer Vou quebrar o feitiço É luz que eu tenho pra você, êh-êh-êh
(Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê) Cura! Sacaca! (Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê)	Caê-Ekrê! Caê-Ekrê!
Canta! Benze! Faz o banho de ervas O dom que carrega É a força que vem da floresta	Das matas vem, das ervas vem Das benzições, das curas ela vem Vem das unções, defumações Das rezas, dos sopros, das mil pajelanças Arquibancada canta!
Canta! Benze! Faz o banho de ervas O dom que carrega	(Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê) (Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê) Cura! Sacaca! (Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê) (Caê-Ekrê ê-ê-ê, Caê-Ekrê ê-ê-ê)



MOMENTO ALEGÓRICO

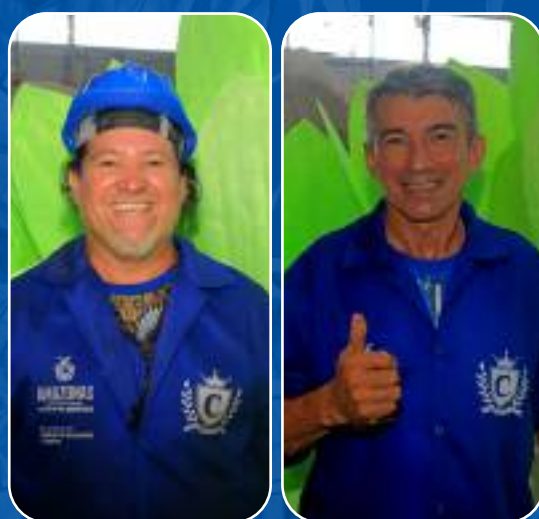
CRISÁLIDA DA VIDA, O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA.

Em tempos de emergências climáticas, é preciso despertar consciências, libertar nossas mentes e romper com a ignorância, dando asas a um novo momento histórico de emancipação.

O povo do Boi Caprichoso mostra ao mundo nossa herança ancestral, trazendo para a arena a crisálida da vida, uma flor que se abre em metáfora para a necessidade de desfraldarmos nossas mentes para que a consciência floresça com o perfume emanado do equilíbrio ambiental. A arte transformada em módulo alegórico visa não apenas impactar pela beleza, visa também levar os espectadores a pensarem sobre como a natureza pode nos transformar quando para ela olhamos de um jeito contemplativo, sem almejar nada dela extrair que não seja a comunhão conosco.

O módulo é como o ninho da vida. Um casulo que vai romper e de onde nascerá a borboleta. Sejamos como as borboletas libertas, em constante metamorfose de aprendizado e transformação.

ARTISTA DA ALEGORIA



Mais uma obra artística impressionante assinada pelos artistas Nildo Costa e Zico Almeida.

★
ITEM
04



RITUAL INDÍGENA

RITO DE CURA DA TERRA: AWA GUAJÁ, O ESPERANÇAR DA FLORESTA

“O tempo é agora, o futuro não demora. A ganância é a corda que nos enforca”.

Quanto tempo nos resta? Para esmiuçarmos essas reflexões do reflorestar das consciências, recorreremos ao povo indígena Awa Guajá. Para os Awa Guajá, sem a caça, o mel e a água terrena, a vida fenece. O desequilíbrio ecológico é também um desequilíbrio cósmico, pois os karawara, como chamam as entidades com as quais mantêm contato no universo extrafísico, vêm para a aldeia em busca de alimentos. O fim da vida pode ser trazido pelo desmatamento e degradação do ambiente, viralizando penúria, dor e lamento.

Longe de serem fatalistas, os Awa Guajá

lutam pela floresta de pé, pois o mundo dos espíritos está em consonância com o mundo dos Awa. Neste rito, caminhamos para finalizar a noite com a esperança da estrela, ecoando a mensagem da continuidade da fauna, da flora e dos seres humanos. Inclusive, para os Awa Guajá, cantar é um aspecto central, praticando o já paryhy (cantar bonito), que implica cantar forte. Oferecemos aos karawara as oferendas para que a floresta nunca pereça, tal qual nossos irmãos e irmãs Awa Guajá o fazem em seu rito festivo e de esperança.

★ ARTISTA DA ALEGORIA



O rito indígena desta noite é uma obra primorosa do artista **Jucelino Ribeiro**, 40 anos, tem uma carreira que começou em 2006 com foco no universo artístico do Boi-Bumbá. Em 2014, ele se destacou como um artista de ponta do Boi Caprichoso, conhecendo por sua versatilidade em técnicas como pintura, escultura e desenho. Jucelino também ganhou reconhecimento nacional ao trabalhar no carnaval do Rio de Janeiro, contribuindo para escolas de samba como Portela, Vila Isabel, e Imperatriz Leopoldinense

★ TOADA

Awa Guajá – A Oferenda

Compositores: Paulo Victor, Cláudia Naia e Anderson Souza

Futuro incerto, destino incerto
Sem a floresta, a oferenda
O mel, a água, a terra
Não haverá o amanhã

Awa, Awa Guajá
Awa, Awa Guajá
Tudo preparado para o Rito
Takajá

Awa, Awa Guajá
Awa, Awa Guajá
Tudo preparado para o Rito
Takajá

A oca montada, coberta de palha
Para aqueles que descem do
céu, ô-ô-ô
A aldeia prepara, o canto
consagra
Para aqueles que descem do
céu, ô-ô-ô

No topo da oca, o fio de prata
O elo, a fenda, a escada
Com o mundo espiritual
Ao som do canto o xamã abre
o portal
(hey, hey, hey, hey)

Fosforescente, incandescente
Luminosa floresta celestial
Antigos Awa metamorfoseados
Em seres, em seres, aaah
Animais, vegetais, espectrais
Fantásticos, lunáticos, trazendo
a cura
A força, o canto, a luta dos Awa
Awa, Awa, Awa, Awa - Awa
Guajá!

Toca tambor, toca tambor
Acorda povo do céu

O tempo é agora, o futuro não
demora

A ganância é a corda que nos
enforca
Ecoa o canto Karawaras
Vem com o Pajé Awa curar a
terra (heya, heya)
E expulsa os Karaia

Tua floresta, minha floresta
Tua floresta, minha floresta
Quanto tempo para o nosso
mundo?
Que tempo nos resta?
Tua floresta, minha floresta
Tua floresta, minha floresta
Quanto tempo para o nosso
mundo?
Que tempo nos resta?

Ô-ô-ô-ô, ô-ô, ô-ô
(hê-hê-heyá, hê)
A cura da terra!

Awa, Awa Guajá
Awa, Awa Guajá
Tudo preparado para o Rito
Takajá

Awa, Awa Guajá
Awa, Awa Guajá
Tudo preparado para o Rito
Takajá

Parintins é sede do maior
festival folclórico a céu
aberto do mundo.
E de céu a gente entende.



A Azul é patrocinadora do Festival
de Parintins e também tem a melhor
experiência de bordo. Conheça nossos
voos e pacotes em voeazul.com.br

Azul 

pixbet

GLOSSÁRIO

Abaeté: palavra originária da língua tupi-guarani, significa pessoa de idade avançada e destacada pelo acúmulo de experiências vivenciadas, que dão a ela um caráter de sabedoria.

Abya Yala: expressão oriunda da língua kuna, que significa "terra de sangue vital" ou "terra em plena maturidade". Utilizada para referir-se ao continente americano, de forma a substituir a expressão eurocêntrica "América" por outra de terminologia indígena, visibilizando os saberes dos povos originários.

Agbara: do yorubá, significa força e potência.

Agogô: instrumento de percussão africano, bastante utilizado para tocar ritmos oriundos deste continente, como samba, boi-bumbá, entre outros.

Águia-Harpia/Condor/Gavião: elementais que, na profecia dos Povos de Abya Yala, representam as Américas do Sul, Central e do Norte.

Alabê: do yorubá *alagbê*, é o responsável pelos toques de rituais em um terreiro de candomblé e com o cuidado com os instrumentos sagrados, além da alimentação.

Apocalíptico: que faz menção a um cenário tenebroso, profeticamente assustador, impactante e/ou de fim de mundo.

Awa Guajá: povo indígena habitante em territórios localizados nos últimos recantos da floresta amazônica no estado do Maranhão. A maior parte da população vive em aldeias, mas há grupos vivendo em isolamento voluntário nas Terras Indígenas Awá, Caru e Araribóia.

Ayahuasca: chá bastante utilizado em rituais religiosos e com finalidades de cura, geralmente contendo folhas de Chacrona e o cipó Mariri. Leva a êxtases espirituais e é originário das culturas indígenas ancestrais.

Banzeiro: na cultura amazônica, pequena onda nos rios, lagos e igarapés.

Benzeções/"Benzições"/defumações/sopro: Atos ligados a ritos de cura de sacacas e benzedores e benzedoras da Amazônia. Regionalismos para "benzeções", ato de benzer, de forma a afastar tudo o que for malfazejo, que traz doenças, mal-estar para os indivíduos.

Beid: para os Macurap, divindade que fez o prenúncio da grande alagação que afetou a Terra. Significa "ser de pedra".

Bodô: peixe cascudo típico da região amazônica, também conhecido como acari, muito usado na culinária local, podendo ser consumido em caldeiradas ou assado. Muito apreciado pelos nortistas em geral.

Boiuna: cobra grande, senhora das águas, mãe dos rios, trata-se de uma serpente colossal habitante dos rios amazônicos. Elemento cosmogônico presente na mitologia de variados povos originários e parte do imaginário lendário bastante comum entre os habitantes desta região.

Brocado: expressão regional que significa estar com extrema fome.

Cabanagem/cabano: maior revolução brasileira do Período Regencial, ocorrida entre 1835-1840, na região do Grão-Pará. Os revoltosos habitavam moradias humildes, em geral, cabanas, motivo pelo qual ficaram conhecidos como "cabanos".

Caxinha: instrumento percussivo tradicional na musicalidade da Marujada de Guerra.

Caligem: nevoeiro denso, que, por tal densidade, costuma deixar o ambiente obscuro, com cenário de trevas.

Capoeira: na linguagem amazônica refere-se à vegetação que cresce após o terreno capinado, pequeno mato rasteiro. Significa, literalmente, "mato do passado". O termo vem do tupi.

Carabina: arma de fogo, mais curta do que o fuzil, originalmente usadas como instrumentos de guerra pelos soldados de cavalaria.

"Chacinada": relativo à chacina, grande matança, em geral ocorrida em contextos de guerra.

"Chap chap": expressão regional utilizada como onomatopeia para o barulho das águas na canoa.

Chico da Silva: mestre da cultura popular, compositor tradicional do Boi Caprichoso, filho de dona Guajarina Prestes, uma das torcedoras mais conhecidas do bumbá azul e branco e professora parintinense, tendo seu nome eternizado em uma das escolas locais. É conhecido em todo o Brasil por suas composições nas vozes de grandes nomes da Música Popular Brasileira, como a cantora Alcione.

Cunhantã: regionalismo de origem indígena para designar meninas, pessoas do gênero feminino.

Curuçá: um dos principais rios que banha o oeste do estado do Amazonas e que desagua no Rio Javari.

Curumim: regionalismo de origem indígena utilizado como sinônimo de menino, criança do gênero masculino.

Dardejante: que irradia fortemente, brilho intenso.

Dona Marita: mestra da cultura popular, artesã que trouxe para a festa do boi o tom original da floresta, com seus cipós, fibras e entrecascas de paus.

Dona Siloca: mestra da cultura popular, dona Sila Marçal trouxe a brincadeira das pastorinhas para a cidade de Parintins. É a maior referência desta brincadeira no Amazonas. Foi mãe de Raimundinho Dutra, baluarte tradicional do Boi Caprichoso. "Negra de olhos azuis", tornou-se um apelido popular para nomeá-la por destacá-la entre as demais mulheres da Ilha.

Ê Yora Shakáaro: expressão do cântico Marubo que significa "meu corpo-carcaça".

Ednelza Cid: mestra da cultura popular, matriarca da família Cid, a principal costureira de Parintins, tornando-se imortalizada na história do Boi Caprichoso e do Festival de Parintins por ter fornecido os moldes, para os dois bumbás, de como até hoje são feitas as indumentárias de Sinhazinha. Sua casa era morada e acolhida para os LGBTQIAPN+ pelos idos dos anos 1950 que não eram aceitos por sua família, tornando-a uma "madrinha" para esta população.

"Engeramento"/"Engerado": no Baixo Amazonas, expressão que designa a transformação de um ser humano para um animal ou entidade.

"Ensinança": neologismo relacionado a ensinamento, ao ato de ensinar.

Falange: espiritualmente, significa um conjunto de entidades agindo para atingir determinado objetivo, o qual pode ser para o bem ou para o mal.

Francesa: antiga comunidade de pescadores, atualmente, bairro de Parintins, referente ao nome da Lagoa em que se forma o bairro.

Hutakara: expressão yanomâmi para "mundo", "universo", na linguagem do não indígena.

Ipaci/Ipaji: o mesmo que xamã, pajé em incorporação.

Iyambae: significa, em guarani, ser livre, sem dono.

Jaraqui: peixe regional bastante apreciado na culinária local, servido cozido, frito ou assado, muito conhecido pela narrativa amazônica de que "quem come jaraqui, nunca mais sai daqui".

Kaleá: espírito materno que assegura que um casal de crianças prospere no novo tempo.

Kapê: Pajé Marubo em momento de transe para proporcionar a subida da maloca aquática. Significa "jacaré" em Marubo.

Kariaia: os "brancos", vem do tupi-guarani: cari, branco.

Karawaras: são espíritos celestes que embora vivam em patamares superiores, mantêm um trânsito constante com a terra. Costumam vir em busca de "caça", "água", "mel" (e por vezes fogo), produtos essenciais para a vida no céu. Nessas vindas para terra podem ajudar os humanos com curas xamânicas.

Kopenawa: "vespa" na língua yanomâmi. Faz menção a Davi Kopenawa, líder Yanomâmi conhecido internacionalmente na luta pelo seu Povo Indígena, vitimado pela ganância do ouro e da cobiça capitalista que está envenenando as águas com mercúrio, levando a situações emergenciais no campo da saúde.

Luiz Gonzaga: principal dono do Boi Caprichoso. Manteve a brincadeira por muitos anos no Curral da Rua Rio Branco. Era um dos pescadores mais conhecidos da cidade de Parintins.

Málúú Dúúú: expressão oriunda do yourubá, significa "boi preto".

Marujada de Guerra: conjunto humano percussivo do Boi-Bumbá Caprichoso. Recebe este nome em homenagem à festa dos marujos, uma forma de autoidentificação com as africanidades presentes na Amazônia que inspiram o ritmo regional em forma de toadas.

Mátria ameríndia: referência ao continente Abya Yala, terra viva, mãe dos povos originários e que, por força da colonização, foi chamada de América.

Mestre Marquinho: mestre da cultura popular eternizado na história do Boi Caprichoso por ser o tripa (“miolo”) de maior período nesta função. Inventor de técnicas e efeitos do boi-brinquedo, filho de Mestre Mariozinho e pai de Alexandre Azevedo, atual tripa do Caprichoso.

Milícia legalista: no contexto da Revolução Cabana, faz alusão às tropas que lutavam a favor do Império e contra a população cabana.

Mothokari: ser sol, que é também um ser onça. De acordo com Davi Kopenawa e Bruce Albert, em “A Queda do Céu”, quando o meio ambiente é atacado, ele desce para a terra, enfurecido, devorando os humanos como se fossem macacos moqueados.

Nambué ou Nambu: irmão de Beüd, na mitologia Macurap, responsável por fazer cessar a inundação que atingiu a Terra.

Omama: divindade criadora do mundo e tudo o que nele existe, segundo o Povo Yanomâmi.

Paini: xamã, na língua Sateré-Mawé.

Pajé: xamã, curandeiro, líder espiritual para os diversos povos indígenas brasileiros.

Palmares: primeira invasão de Parintins, tendo seus primeiros moradores marcados na história como os “atrás da placa”, que fazia referência a uma placa que estabelecia o limite sul da Ilha. Bairro tradicional do Boi Caprichoso, contornado pelas águas do Macurani e um dos braços da Lagoa da Francesa.

Palminha: como são conhecidas as matracas na Marujada de Guerra, dois pedaços de pau que são batidos manualmente entre si, gerando uma genuína e característica musicalidade.

Parente: expressão nortista que referencia o afeto entre pessoas, não se referindo a um necessário grau de parentesco.

Paricá: chá feito da casca de árvore homônima, com efeitos curativos e alucinógenos.

Patuás: de acordo com Câmara Cascudo (1972), patuás são amuletos, que consistem em um saquinho, ou breve de pano ou couro, contendo uma oração qualquer, para ser trazida ao pescoço, pendendo de uma fita ou cordão.

Pavulagem: expressão parintense que significa comportamento próprio de quem se vangloria de seus feitos.

Poeiral: expressão local que designa excesso de poeira em revoada.

Poranga: em tupi, significa “belo”, “bonito”.

Poronga: objeto tradicional do cotidiano amazônico fabricado a partir de flandres para iluminar as noites. Possui pavio de barbante com bojo e pequena alça para guardar combustível com querosene.

Quilombo: reduto de resistência do povo negro, desde o período colonial, como forma de resistência à escravidão. Muitos foram formados na Amazônia sob a denominação de Mocambo.

Rebojo: fenômeno natural que consiste no rápido movimento de subida e descida das águas, movimentando violentamente a superfície das águas, causando instabilidade em embarcações.

Repique: tambor de pele em ambos os lados, tocado com uma baqueta em uma das mãos, enquanto a outra toca livremente o instrumento.

Rocar: também chamado de chocalho ou ganzá, instrumento rítmico presente na Marujada de Guerra.

Romeya: pajé Marubo.

Sacaca: tipo de xamã, pajé, capaz de viajar pelo fundo dos rios. De origem tupi, o líder espiritual tem o poder de encontrar os encantos, dimensão na qual vivem os espíritos dos encantados, entidades que auxiliam o pajé na cura de enfermidades.

Santarém: Seu Santarém é um conhecido pescador de Parintins, irmão de Luiz Gonzaga, que brincava nos terreiros da Rua Rio Branco carregando a boneca calunga Dona Aurora.

Seu Mariozinho: mestre da cultura popular, fez do seu ofício de retesar couro para tambores uma herança de família, passando a técnica para os filhos e netos: Alexandre, Glaedson e Édson Azevedo, os quais mantêm realizando este fazer na confecção do Boi Caprichoso atualmente.

Shaká: na língua Marubo, significa “couro”.

Shovo: na língua Marubo, significa “maloca”.

Surdão: bumbo de extenso volume, instrumento utilizado em vários ritmos brasileiros, sendo parte também da Marujada de Guerra.

Tacape: arma indígena de ataque.

Tacunha: personagem responsável pela busca da noite roubada. É o filho mais velho do pajé tupi.

Takajá: ritual do Povo Awa Guajá para subida aos céus.

Tamurás: tambores feitos de troncos de árvores, instrumento de origem indígena.

Tauari: charuto de fumo usado para limpeza de terreiros, benzeções e pajelanças.

Torés: tambores indígenas.

Trocano: instrumento indígena, que serve para que os povos indígenas se comuniquem entre eles mesmos, ainda que em diferentes aldeias.

Tupi: povo originário que deu origem à língua tupi e que se espalhou pelo litoral brasileiro durante os séculos XVI e XVII.

Tuxauas: termo genérico utilizado para nomear os chefes dos povos originários do Brasil.

Urubuzal: território tradicional do boi-Bumbá Caprichoso, que se tornou popular nos anos 70, localizada onde hoje é a Quadra Silvío Myoto, na Rua Sá Peixoto.

Visagem: em contexto amazônico, são fantasmas, seres de aparições fantasmagóricas, assombrações, espíritos, geralmente associadas a acontecimentos sobrenaturais.

Vime Peya: herói mítico na cosmologia do Povo Marubo.

Xequeré: instrumento musical de percussão africano que consiste de uma cabaça seca cortada em uma das extremidades e envolta por uma rede de contas.

Xibelão: mestre da cultura popular, eternizado por seu belo bailado ao brincar como tuxaua do Boi Caprichoso. José Tomaz Monteiro Neto era chamado de Xibelão pelo alto consumo do xibé - receita de farinha d'água com água.

Yakoana: pó alucinógeno utilizado em cerimônias de transe entre os Yanomâmi.

Yanomami: Segundo o Instituto Socioambiental (on-line), os Yanomâmi formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do Norte da Amazônia cujo contato com a sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente. Seu território cobre, aproximadamente, 192.000 km², situados em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela na região do interflúvio Orinoco - Amazonas (afluentes da margem direita do rio Branco e esquerda do rio Negro). Constituem um conjunto cultural e linguístico composto de, pelo menos, quatro subgrupos adjacentes que falam línguas da mesma família (Yanomae, Yanômami, Sanima e Ninam). A população total dos Yanomami, no Brasil e na Venezuela, era estimada em cerca de 35.000 pessoas no ano de 2011.

Yara: entidade feminina encantada, cuja belo cantar é capaz de seduzir todo e qualquer homem. Após ouvi-la, é levado para o fundo das águas, onde passa a residir na morada do ente metade mulher e metade peixe.

Yoasi: segundo a mitologia Yanomâmi, é o irmão ruim de Omama, deus criador.

Zé Caiá: José Pantoja do Carmo, um grande mestre da cultura popular parintense. Conhecido pescador do bairro da Francesa, de Parintins.

Ministério do Turismo e Bemol apresentam:

HÁ 3 ANOS, SOMOS PATROCINADORES OFICIAIS do maior Festival a céu aberto do mundo.

Nossa história se completa, e a alegria contagiante transborda nossa loja e o Bumbódromo, invadindo as ruas da Ilha da Magia com **brindes exclusivos para os brincantes deste ano.**



bemol



Venha visitar nossa loja

Av. Amazonas, 2047, Centro - Parintins - AM

Escaneie o QR Code,
preencha o formulário
e ganhe um brinde.



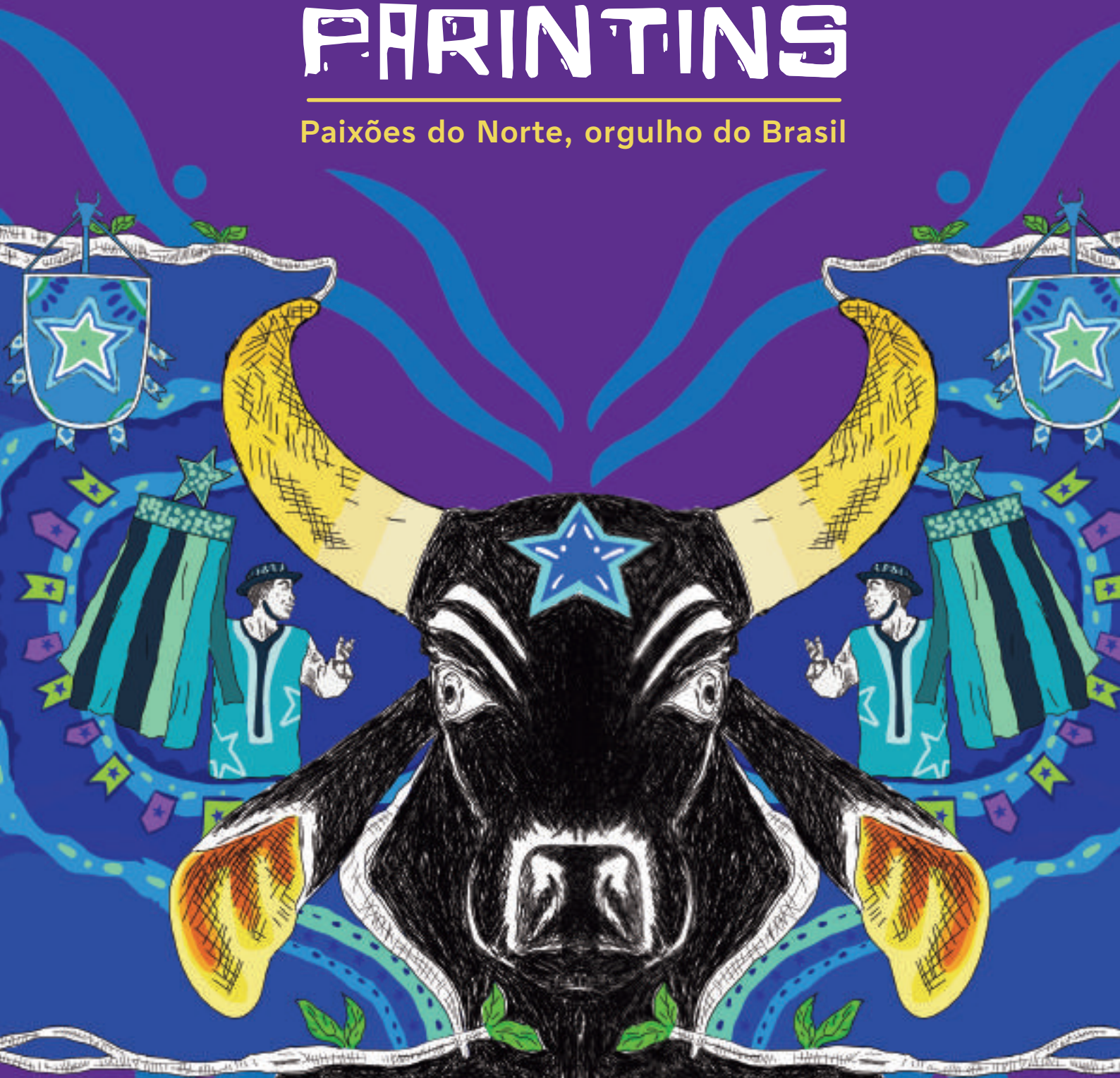
Ministério da Cultura e Vivo apresentam

vivo 

Patrocinadora Oficial

Festival de
PARINTINS

Paixões do Norte, orgulho do Brasil



Patrocínio:

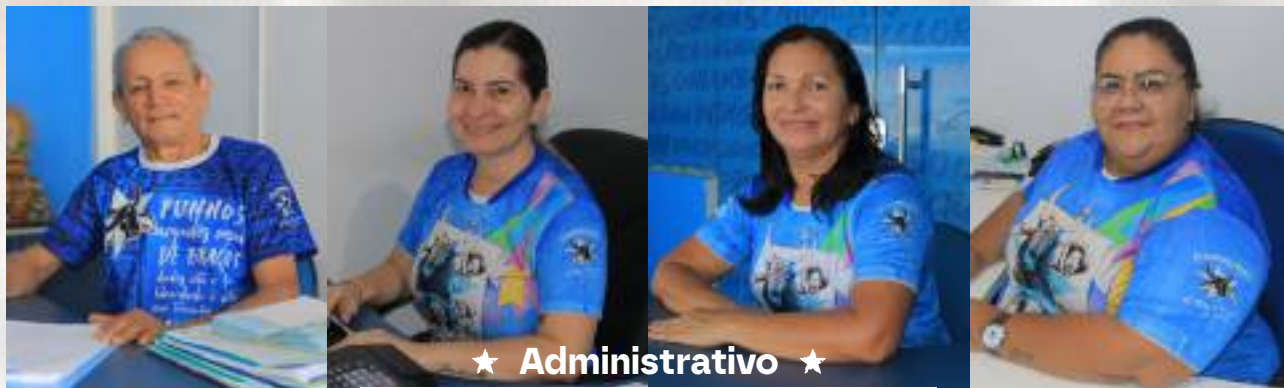


Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

GENTE QUE FAZ O BOI



★ Artista de Alegoria ★



★ Aldenilson Pimentel e equipe ★



★ Alex Salvador e equipe ★



★ Alges Ferreira e equipe ★



★ Geremias Pantoja e equipe ★



★ Jucelino Ribeiro e equipe ★



★ Kennedy Prata e equipe ★



★ Makoy Cardoso e equipe ★



★ Marcio Gonçalves e equipe ★



★ Artista de Alegoria ★



★ Marlucio Pereira e equipe ★

★ Nei Meireles e equipe ★



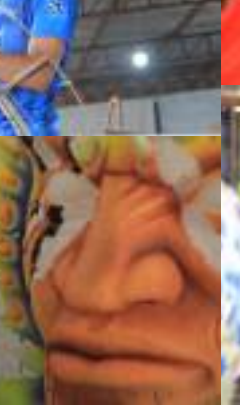
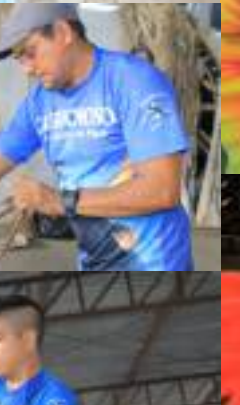
★ Nildo Costa e equipe ★

★ Paulo Pimentel e equipe ★



★ Roberto Reis e equipe ★

★ Zico Almeida e equipe ★



O Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, Maná Produções e o Boi Bumbá Caprichoso apresentam:



MANÁ
PRODUÇÕES & EVENTOS

O ESPETÁCULO DAS MARCAS NO
FESTIVAL DE PARINTINS



TINTAS
SHERWIN-WILLIAMS.

Correios



vivo



OBOTICARIO

pixbet

eneva

TECTOY

PETROBRAS

bradesco

Azul

BRAHMA

Realização:
Ministério do Turismo | Sesc | Senac

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Correios

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

★ Artista de Figurino ★



★ Alcenildo Tristeza e equipe ★



★ Altemar Cruz e equipe ★



★ Antonio Carlos e equipe ★



★ Ary Carlos e equipe ★



★ Beto Cruz e equipe ★



★ Diego Cruz e equipe ★



★ Dorico e equipe ★



★ Edson Warner e equipe ★



★ Enisson Cebola e equipe ★



★ Felipe Souza e equipe ★



★ Juracy Modesto e equipe ★



★ Kildary Ferreira e equipe ★



★ Mario Oliveira e equipe ★



★ Mundi Lima e equipe ★



★ Osmar Junior e equipe ★



★ Otavio Muniz e equipe ★



★ Pakita e equipe ★



★ Saluilson e equipe ★



★ Tarzio Cruz e equipe ★

★ Wallace Guerreiro e equipe ★

★ Zé Edilson e equipe ★



**info
store**



APOIADORA OFICIAL DO BUMBÁ

MINHA ALMA É CAPRICHOOSO



O BOTICÁRIO



A MARCA DE BELEZA
DO FESTIVAL DE PARINTINS

★ PATROCINADOR OFICIAL ♥



Viva *seu amor* pelo *Festival*
com a *marca* de *beleza* mais
amada do *Brasil*.



★ Banda Canto Parintins ★



★ Banda Caprichoso ★



Bombeiros e
Segurança
do Trabalho ★



★ Carpintaria ★



★ CDC ★



★ Cênica Caprichoso ★



★ Coordenação de Itens ★



★ Coreografos ★



★ Costureiras ★



★ Desenhistas ★



★ Equipe Tripa do Boi ★



★ Administrativo Galpão ★



★ Enfermaria ★



★ Poeirinhas ★



★ Raça Azul ★

★ Conselho de Artes ★



★ Equipe técnica ★



★ Comunicação ★



★ Diretora do Curral ★



★ Madrinha do Boi ★



★ Padrinho do Boi ★



★ Eventos ★



★ Coordenação Marujada ★



★ Tuxauas ★



★ Troup Caprichoso ★



★ Toadeiros ★



★ Marcenaria ★



★ Vigias ★



★ Recepção galpão ★

QUE SUA ESTRELA BRILHE NO FESTIVAL E NA NOSSA TELA



A EMISSORA OFICIAL DO FESTIVAL DE PARINTINS DESEJA AO BOI CAPRICHOSO UM EXCELENTE FESTIVAL!



acrítica
Emissora Oficial do Festival de Parintins

É DA NOSSA TERRA, TÁ NA NOSSA TELA!

Ministério da Cultura
e Sherwin-Williams apresentam:

57º FESTIVAL DE
PARINTINS
2024

**Tintas Sherwin-Williams
a patrocinadora oficial
que tornará o tom do azul
mais forte este ano.**

Chegou a hora de levar as cores da marca
que colore o mundo para a maior tradição
do Amazonas. Um duelo de emoções
e cultura está para começar. Prepare-se!

Conheça a nova coleção de cores
especialmente desenvolvida.



TINTAS
SHERWIN-WILLIAMS.

Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. 3 volumes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL, 1982.
- ANDRADE, Odinéa. Estrelas de um centenário: trajetória do Boi-Bumbá Caprichoso. Manaus: Editora UEA; Rio de Janeiro: Autografia, 2023.
- ARAÚJO, André Vidal de. Introdução à sociologia da Amazônia. 2º ed. (rev.). Manaus: Valer; Governo do Estado do Amazonas: EDUA, 2003.
- ATILA, Adriana Romano. Índios de verdade: territorialidade, história e diferença entre os Mura da Amazônia Meridional. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. No rio Amazonas. Trad. de Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.
- BARAÚNA, Max. Guerras Indígenas na Mundurukânia: Mura x Munduruku. Curitiba: Appis, 2022.
- BATISTA, Djalma. O complexo da Amazônia – análise do processo de desenvolvimento. 2º ed. Manaus: Valer; EDUA; INPA, 2007.
- BECHIMOL, Samuel. Amazônia – Formação Social e Cultural. 3ª ed. Manaus: Valer, 2009.
- BIRIBA, Ricardo Barreto. Parintins Cidade Ritual: Boi-Bumbá, Performance e Espetacularidade. Tese (Doutorado em Teatro). Salvador: UFBA, 2005.
- BRAGA, Sergio Ivan Gil. Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina?. In: SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). O fim do silêncio: presença negra na Amazônia. Belém: Editora Açá; CNPq, 2011.
- BRAGA, Sergio Ivan Gil. Os bois-bumbás de Parintins. Manaus: Funarte, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara (1898-1986). Dicionário do Folclore Brasileiro-12ª. ed – São Paulo: Global 2012.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Festa na Floresta: O Boi-Bumbá de Parintins. Rio de Janeiro: FUNART, 2000.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: Breve história e etnografia da festa. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, vol. VI (suplemento), set. de 2000b. pp. 1019-1046.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2002, v. 45, n. 1, pp. 37-78.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Rivalidade e afeição: ritual e brincadeira no bumbá de Parintins. Manaus: Editora (UEA), Autografia, 2022.
- CHIAVENATO, Julio José. Cabanagem: O povo no poder. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CONDURU, Roberto. Arte afro-brasileira. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.
- COUTINHO, Walter. Gente valente: histórias matsés no Vale do Javari. Manaus: Valer, 2021.
- FILHO, Manuel Lima; BELTRÃO, Jane Felipe; ECKERT, Cornélia. Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos – Blumenau: Nova Letra, 2007.
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. 6º ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GALVÃO, Eduardo. “A vida religiosa do caboclo da Amazônia”. In: Boletim do Museu Nacional (nova série). Rio de Janeiro: Museu Nacional, n. 15, 1953.
- GARCIA, Uirá F. “Pelos Matas do Pindaré: imagens do isolamento Awa-Guajá”. In: Ricardo, Fany (org.). Cercos e Resistências: Povos indígenas isolados na Amazônia. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2019.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas – Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978.
- GEERTZ, Clifford. O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 2ª. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.
- GONÇALVES, Marco Antonio. O mundo inacabado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- GRUBER, Jussara Gomes (et. al.). O livro das árvores. São Paulo: Global, 1999.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In HOBBSAWM, E. (org.). A invenção das tradições. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê Final Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.
- KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRACKE, Waud H; LEVINHO, José Carlos. Um mundo em movimento: os Parintintin. Anuário Antropológico/99: 145-146.
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRÜGER, Marcos Frederico. Amazônia: mitos e literatura. 3º ed. Manaus: Valer, 2011.

- LEVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas, S.P: Papirus, 1969.
- LIGIÉRO, Zeca. Corpo a Corpo: Estudos das Performances Brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica – Uma poética do imaginário. 5ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015.
- LOUREIRO, Violeta. Amazônia, colônia do Brasil. São Paulo: Atma, 2022.
- LURKER, Manfred. Dicionário de Simbologia; trad. Mario Krauss, Vera Barkow. – 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MELLO, Thiago de. Amazonas, pátria das águas e notícia da visitação que fiz no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- MELLO, Thiago de. Amazonas: no coração encantado da floresta. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MELLO, Thiago de. Amazônia, A menina dos Olhos do Mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MELLO, Thiago de. Faz escuro mas eu canto. 8º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MELLO, Thiago de. Mormaço na floresta. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MELO, Diogo Jorge. Colecionando “Encantarias”: uma proposta do Museu Surrupira de encantarias amazônicas. In: Anais Eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Florianópolis: UFSC, 2016.
- MIDLIN, Betty. Terra Grávida. Record. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MONTAGNER, Delvair. A morada das almas: representações das doenças e das terapêuticas entre os Marubo - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1996.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. Índio da Amazônia, de maioria a minoria (1750-1850). Vozes: Petrópolis, 1988.
- MUNANGA, Kabenlege. Arte afro-brasileira: o que é afinal?. Lisboa: Oca Editorial, 2021.
- NOGUEIRA, Max Deulen. Parintins: palco de guerras tribais. I Simpósio Norte da ABHR – IX Semana de História do CESP/UEA, 2017 – disponível em: www.revistaplura.emnuvens.com.br
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- REIS, Arthur César Ferreira. A Amazônia e a cobiça internacional. Manaus: Valer, 2021.
- REZENDE, Tadeu Valdir. A Conquista e a ocupação da Amazônia Brasileira no período colonial: a definição das fronteiras. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2006.
- RODRIGUES, Joao Barbosa. Poranduba Amazonense. Organização de Tenório Telles. Manaus: Valer, 2017.
- SERTORIO, Gustavo Baron. Cosmogonia, mitos e ritos. A reestruturação Marubo pós-período da borracha. Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Campinas, 2017 – disponível em: <https://monografias.brasile scola.uol.com.br>
- SILVA, Gerson Santos. Encantados da Amazônia: os espíritos da natureza. In: Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2014.
- SILVEIRA, Diego Omar da; GARCIA, Elizandra; NAKANOME, Ericky (org). Os Bois-Bumbás de Parintins: novos olhares. Manaus: Editora UEA; Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
- SILVEIRA, Diego Omar da; SENA, Roberto (org). O livro da toada: uma antologia Caprichoso. Manaus: Editora UEA; Rio de Janeiro: Autografia, 2021
- SIMAS, Luiz Antônio. Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- SOUZA, Márcio. História da Amazônia. Manaus: Valer, 2009.
- SOUZA, Marina de Mello. África e Brasil africano. São Paulo: Ática, 2014.
- TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia. 9º ed. (rev.). Manaus: Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2000.
- VALENTIM, Andreas; CUNHA, Paulo José. Caprichoso: a terra é azul. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2000.
- VALENTIN, Andreas. Contrários. A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Valer: Governo do Estado do Amazonas, 2005.
- VIEIRA, Marina Guimarães. Caboclos, Cristãos e Encantados: Sociabilidade, Cosmologia e Política na Reserva Extrativista Arapixi – Amazonas. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- WARNIER, Jean-Pierre. A mundialização da cultura. Bauru: EDUSC, 2003.
- YAMÃ, Yaguarê. Murugawa: mitos, histórias e fábulas do Povo Maraguá. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.
- YAMÃ, Yaguarê. Urutopiag: a religião dos pajés e dos espíritos da selva. São Paulo: IBRASA, 2005.
- YAMÃ, Yaguarê; YAGUAKÁG, Elias; GUAYNÊ, Uziel; WASIRY GUARÁ, Roni. Maraguápéyára. Manaus: Valer, 2006.
- YOKOI, Marcelo. Na terra, no céu: Os Awá-Guajá e os Outros. UFSCar. Dissertação (Mestrado). Dissertação de Mestrado em Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de São Carlos. 2014.

FICHA TÉCNICA

PRESIDENTE

Rossy Amoedo

VICE-PRESIDENTE

Diego Mascarenhas

DIRETOR FINANCEIRO

Leaufran Barbosa

DIRETORA ADMINISTRATIVO

Aurilene Figueiredo

DIRETOR DE COMERCIAL

Ronaldo Medeiros

DIRETORIA DE EVENTOS PARINTINS

William Muniz

DIRETORIA DE EVENTOS MANAUS

Carlos Kaita

DIRETOR DE LOGÍSTICA

Osmar Andrade

DEPARTAMENTO SOCIAL

Adriana Cruz/ Ana Rita Pimentel / Jucielly Cursino

MADRINHA DO BOI

Odinéa Andrade

PADRINHO DO BOI

Acinelson Vieira

DEPARTAMENTO JURIDICO

Victor Góes/ Rennalt Lessa/ Leonardo Fernandes

PROCURADOR

Délio Diniz

CONTADOR

Márcio Ribeiro

ADMINISTRADOR DE ALMOXARIFADO

Leandro Carvalho

ADMINISTRADOR DE CURRAL

Maria Auxiliador (Dora)/ Josias Silva

ADMINISTRADOR DE GALPÃO DE ALEGORIAS

Jofre Lima

ADMINISTRADOR DE GALPÃO DE FIGURINOS

Francy Marialva / Otávio Oliveira

COORDENADOR DE MARUJADA – PARINTINS

Diego Mascarenhas

COORDENADOR DE MARUJADA – MANAUS

Rogério de Jesus

CONSELHO DE ARTE

Presidente: Ericky Nakanome

Membros: Adan Renê / Adriano Aguiar/ Edvander Batista/
Edwan Oliveira/ Gilvana Borari / Jair Almeida/ Larice Butel /
Márcio Braz/ Paulo Victor Costa/ Peta Cid/ Rainer Canto/
Ronaldo Barbosa/ Roberto Reis/ Ronan Marinho/ Socorrinha
Carvalho/ Zandonaide Bastos

DESENHISTAS

Antônio Fuziel Jr./ Denner Silva/ Kedson Oliveira/ Igor Viana/
Gilson Siqueira

SECRETÁRIO

Neandro Marques

ASSESSORIA TÉCNICA

Larissa Andrade/ Vinicius Ramos

DESIGNER GRÁFICO

João Marco / Marcelo Ramos Júnior / Paulo Victor Costa

CONSELHO FISCAL

Rosa Cursino / Claudomiro Picanço Neto

CONSELHO DE ÉTICA

Alcifran Ramos / Socorro Lopes / Norma Elaine Medeiros /
Johnson Ozório / Wanderson Cruz / Francisco Fidelis

CONSELHO MUSICAL

Mauro Antony / Bennet Carlos / Neil Armstrong

CEDEM CAPRICHOSO

Diego Omar

PLATAFORMAS DIGITAIS

Roberto Sena

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Bruna Karla / Carlos Alexandre/ Arleilson Cruz / Karoline
Moreira / Isabelle Caroline / Julio Butel / Eldiney Alcântara /
Michel Amazonas / Pedro Coelho / Pitter Freitas / Alexandre
Vieira / Pitter Freitas / Analu Vieira / João Marco / Kaio Brito



ARENA 2024**DIREÇÃO GERAL DO ESPETÁCULO**

Conselho de Arte do Boi Caprichoso

DIREÇÃO DE ROTEIROS E TEXTOS

Conselho de Arte do Boi Caprichoso

PESQUISA

Conselho de Arte do Boi Caprichoso

DIREÇÃO DE ARENA E FIGURINO

Edwan Oliveira

DIREÇÃO COREOGRÁFICA

Jair Almeida / Erick Beltrão

DIREÇÃO DE GUINDASTE E CONCENTRAÇÃO

Zandonaide Bastos

DIREÇÃO ALEGÓRICA

Paulo Victor Costa

COORDENAÇÃO E LOGÍSTICA DE ALEGORIAS

Paulo Victor Costa/ Zandonaide Bastos

DIREÇÃO MUSICAL – ARENA

Adriano Aguiar/ Bennett Carlos/ Neil Armstrong

TRILHA SONORA – ARENA

Valdenor Costa / Bennett Carlos

MÚSICOS DE ARENA – BANDA OFICIAL

Marlon Santos / Anderson José (Moreno)/ Valdenor Filho (Pelado Jr.)/ Laureno Neto/ Moisés Colares/ Antônio Dabella/ Neil Armstrong Junior/ Venâncio Natividade/ Francisco Ferreira/ Eduardo de Oliveira Ferreira/ Waldner Souza (Pity)/ Cirleane Ferreira/ Cássio Gonçalves/ Jorge Henrique Pampolha/ Nelcimara Lima (Mara Lima)/ Luana Barbosa (Luanita Rangel)/ Luziene Lins/ Manoel Vicente Júnior/ André Luiz Souza/ Jedel Gomes Salgado/ Gean Marcos Araújo/ Gabriel Lima/ Giovanni Conte/ Eliziel Lourenço/ Alessandro Silva/ Igor Lima Brasil/ Ygor Saunier

REGÊNCIA MARUJADA DE GUERRA

Márcio Cardoso/ Vitor Hugo

ARTISTAS DE ALEGORIA

Aldenilson Pimentel / Alex Salvador/ Algles Ferreira / Claudenor Alfaia / Eddi Dudee / Franciney Meireles / Francivan Cardoso/ Geremias Pantoja / Jucelino Ribeiro / Kennedy Prata / Márcio Gonçalves/ Marlúcio Pereira / Nildo Costa/ Paulo Pimentel / Roberto Reis / Zico Almeida

FIGURINOS E INDUMENTÁRIAS

Adriano Canto/ Alcenildo Silva/ Altemar Cruz/ Antônio Carlos/ Ary Carlos/ Beto Cruz/ Diego Cruz/ Dorico Farias/ Edson Warner/ Enisson Menezes / Elton Graça / Estevão Gomes / Helerson Maia / Makoy Cardoso/ Lup Design/ Jaderson Moraes/ Júnior Lobato/ Juracy Modesto/ Kaleb

Aguiar/ Kildary Ferreira/ Leandro Souza/ Mário Oliveira/ Neto Machado/ Otavio Muniz/ Paqueta/ Raimundo Campos/ Rell Tavares/ Roberto Reis/ Saluilson/ Tarcísio Gonzaga/ Tárzio Cruz/ Wallace Guerreiro/ Waldir Santana/ William Muniz/ Zé Edilson Souza/ Mário Oliveira/ Neto Machado/ Otavio Muniz/ Paqueta/ Raimundo Campos/ Rell Tavares/ Roberto Reis/ Saluilson/ Tarcísio Gonzaga/ Tárzio Cruz/ Wallace Guerreiro/ Waldir Santana/ William Muniz/ Zé Edilson

COORDENAÇÃO DE ITENS

Edinalda Sampaio/ Thalyson Souza

COMPOSITORES

Gabriel Moraes/ Guto Kawakami/ Thauan Bulcão/ Elton junior/ Yomarley/ Carlos Tomé/ Otacílio Júnior/ Carlinhos/ Gean Souza/ Rodrigo Gadelha/ Ademar Azevedo/ Junior Dabela/ Arlen Barbosa/ Waltinho Oliva/ Lenarte Mustaffa/ Anderson /Thiago Reis/ Juarez Filho/ Thyago Lima/ Bruce Bulcão/ Ronaldo Jr/ Rodrigo Martin/ Ralrison Nascimento/ Adriana Cidade/ Claudia Naina/ Ronaldo Barbosa/ Adan Renê/ Charles Silva/ Adriano Aguiar/ Vanessa Aguiar/ Paulo Victor Costa/ Ligiane Gaspar/ Geovane Bastos/ Moisés Colares/ Uendel Pinheiro/ Saulo Vianna

COREÓGRAFOS

Bruno Athayde/ Cleomiro Filho/ Denny Sullivan/ Dino Lopes/ Eglison Colares/ Erick Beltrão/ Erivan Tuchê / Felipe Monteiro/ Jair Almeida/ Jorge Fontenelle/ Marcos Falcão/ Nathaly Costa/ Neto Beltrão/ Ralcy Douglas/ Rilque César/ Robson de Araújo/ Samuel Gomes/ Sandro Assayag/ Weldson Rodrigues/ Andrew Roger / Wilson Jr.

ITENS INDIVIDUAIS

Apresentador: Edmundo Oran
Levantador de Toadas: Patrick Araújo
Amo do Boi: Prince do Caprichoso
Tripa: Alexandre Azevedo
Sinhazinha da Fazenda: Valentina Cid
Porta-Estandarte: Marcela Marialva
Rainha do Folclore: Cleise Simas
Cunhã-Poranga: Marciele Albuquerque
Pajé: Erick Beltrão
Mãe Catirina: Ádria Barbosa
Pai Francisco: Fábio Modesto
Gazumbá: Kelyson Castro



57º FESTIVAL DE PARINTENS 2024



Nas casas, nas praças, nos barracões, nas feiras e palcos.
Presente nos abraços, no grito da galera, no rufar do nosso tambor.

No ritmo da toada, nos choros e em inúmeros sorrisos.

Nas tradições do boi de pano que valoriza o artista da rua ao grande espetáculo.
Em cada barco, avião, triciclo e passinho do dois pra lá, dois pra cá que movimenta a ilha.
Sou a manifestação que move comunidade, economia, torcida e paixões.

EU SOU BOI-BUMBÁ. EU SOU A CULTURA DO AMAZONAS!

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHO QUE TRANSFORMA





